



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO (FAC)

BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

MARIA JOANA CORREIA SILVA

17/0013782

**SAUDADE E OUTROS SENTIMENTOS MALIGNOS: EXPERIMENTAÇÃO COM
COR E COLAGEM EM ISOLAMENTO SOCIAL**

ORIENTADORA CÉLIA MATSUNAGA

BRASÍLIA

2022

MARIA JOANA CORREIA SILVA

**SAUDADE E OUTROS SENTIMENTOS MALIGNOS:
EXPERIMENTAÇÃO COM COR E COLAGEM EM ISOLAMENTO SOCIAL**

MEMÓRIA DE PESQUISA

Produto apresentado à Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional. Professora orientadora: Dra. Célia Kinuko Matsunaga Higawa.

BRASÍLIA - DF

2022

Maria Joana Correia Silva

Projeto aprovado em 09/05/2022 para obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Social, habilitação em Comunicação Organizacional.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Célia Kinuko Matsunaga Higawa

Professor Henrique Eira

Professor Luciano Mendes

Professora Liziane Guazina

“É uma época selvagem. Eu não sei quantas vezes eu disse isso nos últimos dois meses”.

Ella Yelich-O'Connor/LORDE

AGRADECIMENTOS

Nos últimos anos, fui agraciada por uma jornada de graduação bastante inesperada, que me desafiou a expandir meus próprios limites e enxergar o mundo para além das minhas individualidades. Nessa jornada, sempre tive a sorte de ter ao meu lado diversos pontos de apoio, desde colegas de sala a professoras, que foram essenciais para a construção do “eu” que hoje celebra a realização deste presente trabalho, em memória a todos os sentimentos - desejados e indesejados - que estiveram comigo nos últimos meses de isolamento social.

Antes de tudo, deixo registrado os meus agradecimentos aos guerreiros que me criaram e me presentearam com o dom da vida, Márcia e Emerson, por sempre priorizarem a minha educação, abdicando de muitos de seus objetivos pessoais para me proporcionar as melhores vivências possíveis. Hoje, tenho muita empatia para compreender que gerar, cuidar e participar da vida de uma ser e todas as suas complexidades trata-se de uma decisão extremamente importante e impactante para toda uma vida.

Deixo aqui também registrado o meu carinho mais que especial a todas as professoras e professores que sempre acreditaram no meu potencial, mesmo quando eu mesma já não era capaz de acreditar. Ao longo dos semestres, muitas situações afastaram de mim a força para continuar a graduação, mas a vontade com a qual compartilharam seus conhecimentos transformou a minha percepção de mundo. Lecionar em uma realidade onde a educação não é uma prioridade é romper barreiras e um ato de extrema honra, que me inspira diariamente a construir o mundo em que sonho viver.

Agradeço a todas as iniciativas e projetos da Universidade que me abraçaram e me permitiram florescer - desde a Atlética Hermética, da qual fui Diretora de Torcida, como a família AMUN - atividade do Instituto de Relações Internacionais que me abraçou durante todos os anos da minha graduação. Nunca vou esquecer de cada um dos encontros, viagens e, obviamente, as amizades que construí, fundamentadas em muita admiração e carinho. Hoje, sou uma defensora fiel da integração entre o espaço universitário e a comunidade. Precisamos sempre levar o conhecimento acadêmico adiante para além da Universidade e sempre

manter o compromisso de traduzir a linguagem acadêmica como um gesto de retribuição e cidadania.

Agradeço especialmente a todas as mulheres trans e travestis que estão na linha de frente no combate à transfobia e que, por conta de questões estruturais da nossa sociedade, não terão a mesma oportunidade de estudar em uma Universidade Federal de referência. Infelizmente, o Brasil continua sendo um país extremamente perigoso e intolerante para muitas garotas que sonham e fazem de tudo para realizar seus sonhos de viver dignamente e plenamente, enfrentando todos os seus medos e dificuldades. Desejo que essa realidade sufocante mude, e que o mundo aprenda a acolher todas as vivências que hoje são negadas de afeto, segurança alimentar, moradia e oportunidades no mercado formal de trabalho.

Desejo tudo o que há de melhor no mundo para a minha professora orientadora, Célia Matsunaga, que me direcionou por dois semestres seguidos e segurou a minha mão para que eu não desistisse de realizar um trabalho a partir de uma temática que eu amo. Célia contribuiu diretamente para a minha descoberta enquanto artista visual e hoje está na minha lista de maiores inspirações artísticas.

Por fim, desejo muita coragem a todas as pessoas que escolheram a Comunicação e suas diversas extensões como áreas de atuação. Mais do que nunca, precisamos ser fortes para levar a nossa perspectiva da história adiante com a finalidade de sermos protagonistas e realizarmos, por meio dos pequenos gestos e passos curtos, porém cuidadosos, todos os nossos sonhos.

RESUMO

O presente memorial reúne informações sobre a importância da cor no processo de produção de colagens analógicas por meio de referências bibliográficas e entrevistas realizadas com artistas familiarizados com a técnica. Além disso, realiza de forma experimental as referências citadas pela elaboração de um caderno de colagem, que gira tematicamente em torno dos sentimentos e das sensações do isolamento social. Ao todo, foram realizadas 6 colagens principais, que contam com textos de apoio e texturas realizadas à mão.

Palavras-chave: cor, caderno, colagem, saudade, sentimentos, sensações.

ABSTRACT

This memorial gathers information about the importance of color in the creation of analog collages through bibliographic references and interviews with artists familiar with the technique. In addition, experimentally carries out the references cited in the elaboration of a collage handmade book, which thematically revolves around the feelings and sensations of social isolation. In all, 6 main collages were made, with supporting texts and textures made by hand.

Keywords: color, handmade book, collage, nostalgia, feelings, sensations.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Colagem "Nostalgia"	12
Imagem 2: Colagem "Contradição"	12
Imagem 3: Ilustração de anfíbio venenoso de cores vibrantes	15
Imagem 4: Tonalidades escolhidas para a "Cor do Ano", de 2000 a 2021	16
Imagens 5 e 6: Colagem "Tédio" e Textura vermelha	18
Imagem 5: Rascunhos de Oskar Schlemmer com colagem	20
Imagem 7: Colagem "Solidão"	23
Imagem 8: Les Codomas (1947) de Henri Matisse	24
Imagem 9, 10 e 11: Estudos de Ohtake	25
Imagem 12 e 13: Estudos de Letícia Miranda	26
Imagens 14 e 15: Colagem "Fantasia" e Textura roxa	26
Imagem 16: Colagem "Inocência"	35
Imagem 17 e 18 "Saudade" (1899) de Almeida Júnior e "Saudade" com o "Círculo Cromático de Goethe"	37
Imagem 19: Exemplo de Acordes Cromáticos com efeitos opostos	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Entrevista - Alessandra Portilho	27
Tabela 2: Entrevista - Letícia Miranda	28
Tabela 3: Entrevista - Marcus Póvoa	29
Tabela 4: Entrevista - Raian Pinheiro	30
Tabela 5: Entrevista - Paulo Victor Tavares	30
Tabela 6: Informações da obra “Nostalgia”	35
Tabela 7: Informações da obra “Contradição”	36
Tabela 8: Informações da obra “Tédio”	36
Tabela 9: Informações da obra “Solidão”	36
Tabela 10: Informações da obra “Inocência”	36
Tabela 11: Informações da obra “Fantasia”	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2 PROBLEMA DE PESQUISA	12
3 OBJETIVOS	13
4. REFERENCIAL TEÓRICO	14
5. METODOLOGIA	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1. INTRODUÇÃO

A partir de um processo que resultou no meu entendimento pessoal como artista visual durante a graduação em Comunicação Organizacional na Universidade de Brasília (UnB), dei início a uma pesquisa de desenvolvimento experimental. O estudo teve início a partir de três hipóteses: i) a colagem utilizada como uma etapa do processo criativo, não só como técnica de produção ou produto final; ii) a cor dos elementos recortados de extrema importância para a produção, delimitação do tema e composição final das obras; iii) a existência de uma relação de sentimentos e sensações entre colagens analógicas e quem as produz, que pode ser identificada pela escolha das cores e dos elementos de composição.

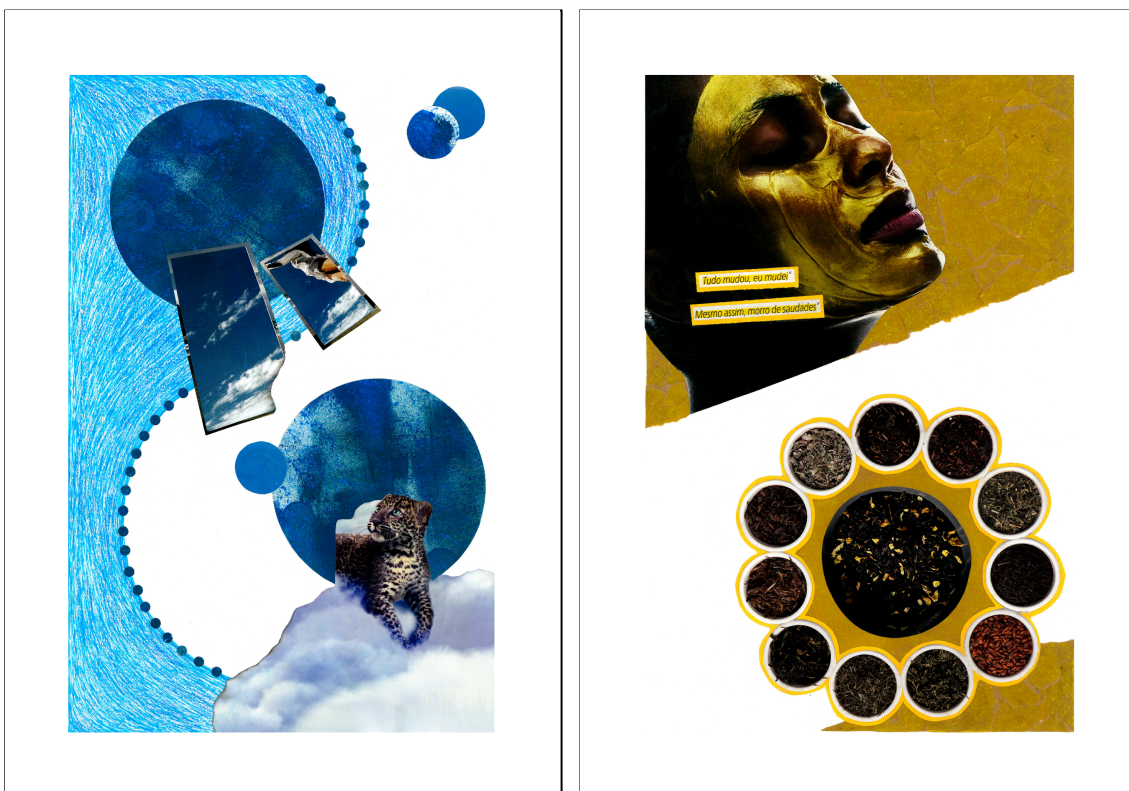
No campo destinado ao Referencial Teórico, o trabalho reúne uma série de referências acadêmicas e visuais que utilizam cores e colagens como parte de seus respectivos processos criativos, não somente como produtos finais. Nesse sentido, o trabalho apresenta cores e elementos da colagem como potentes ferramentas para estimular a criatividade e como fundamento para a coleção de inspirações estéticas. Outros temas importantes dentro do recorte delimitado, como a apropriação da cor pela colagem e linhas didáticas para o estudo de cores, também estão inseridos no capítulo supracitado.

Já na Metodologia, são apresentados dados qualitativos captados por meio de entrevistas com artistas que também estão em inserção com a técnica da colagem e de organizações de relevância no setor, como o Clube de Colagem de Brasília e a Sociedade Brasileira de Colagem, ampliando e agregando novas visões para os questionamentos propostos. Em seguimento, constam outras informações essenciais para a realização de um Produto em Comunicação em formato de caderno de colagem, para experimentar na prática todas as referências acadêmicas e técnicas reunidas e utilizadas na pesquisa.

Tematicamente, o caderno gira em torno da saudade e de outros sentimentos gerados em detrimento da pandemia da COVID-19 e, tecnicamente, conta com obras realizadas por meio de colagens analógicas, com dimensões 297 x 420 mm (tamanho A3). Outros recursos imagéticos também são utilizados, como textos de apoio, escritos para causar reflexões acerca de como o isolamento social culmina na explosão de sentimentos, na perspectiva de artista e autora. Assim, nasce o

produto “Saúde e outros sentimentos Malignos”, propondo um abraço nostálgico a tudo aquilo que sentimos individualmente e involuntariamente enquanto indivíduos isolados.

Imagens 1 e 2 - As colagens “Nostalgia” (esquerda) e “Contradição” (direita).



Fonte: Acervo pessoal.

As imagens acima tratam-se das primeiras obras do caderno e trazem, por meio de cores e elementos, reflexões sobre o isolamento social. Em “Nostalgia”, o azul faz referência ao céu, intocável pelos seres humanos, assim como as boas lembranças que não são palpáveis e existem apenas nas memórias. Já em “Contradição” o contraste entre as cores utilizadas reforçam a frase vigente “Tudo mudou, eu mudei; mesmo assim, morro de saudades”. Para melhor visualização e leitura, tais obras são apresentadas ao longo dos capítulos.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Um dos pontos de partida para a realização do presente produto e Memorial trata-se do ato de refletir sobre a influência da cor na composição de colagens feitas à mão, resultando na pergunta de pesquisa: “Qual a importância da cor na seleção dos elementos nas composições?”. Em seguida, ao exercitar processos criativos com a colagem, surgiram questionamentos acerca do exercício da criatividade de modo analógico diante da facilidade com a qual é possível manipular elementos e cores com o uso de softwares atualmente.

A revolução tecnológica, causada pelo advento da informática, lança a todo momento novas perspectivas para o ensino das artes. A rapidez com que podemos hoje, por meio de softwares de computação gráfica, observar resultados e efeitos visuais, alternando instantaneamente a cor nas imagens, é algo que dinamiza todo o processo de aprendizagem. Esse aumento geométrico das nossas possibilidades experimentais precisa, entretanto, de um fio condutor - um conceito estruturado de ensino, um objetivo, para que possa nos levar a resultados concretos que satisfaçam as nossas necessidades sociais, culturais e humanas (BARROS, 2011, p. 21).

Enquanto isso, Barros (2011, p. 326) também apresenta em suas considerações finais de pesquisa a importância de trabalhar cores a partir de fatores psicológicos e também considerando a sua subjetividade e complexidade do assunto. Em encontro a Heller (2013), que também explicita que não existe a possibilidade de usar uma determinada cor promovendo sua separação de possíveis significados. Nesse sentido, surge o questionamento: “Como a cor pode contribuir para materializar sentidos e sentimentos?”.

Não existe cor destituída de significado. A impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebemos. A cor num traje será avaliada de modo diferente do que a cor num ambiente, num alimento, ou na arte. O contexto é o critério que irá revelar se uma cor será percebida como agradável e correta ou errada e destituída de bom gosto. Aqui [no livro Psicologia da Cores] cada cor será mostrada em toda contextualização possível: como cor artística, na vestimenta, no design de produtos e de ambientes, como cor que desperta sentimentos positivos ou negativos (HELLER, 2013, p.18).

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Criar caderno temático de colagens analógicas.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Ressaltar e avaliar a importância de realizar produções analógicas que estimulam a criatividade por meio de práticas experimentais;
- Resgatar processos criativos sobre o estudo e a prática do uso das cores;
- Identificar artistas visuais que utilizam a cor e a colagem como etapas de seus respectivos processos criativos, e não como produto final de suas produções.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 APROPRIAÇÃO DA COR PELA COLAGEM

As cores cercam a existência humana e estão em todos os lugares que são visíveis aos olhos. Na contemporaneidade, as cores estão presentes desde as prateleiras dos pequenos e grandes comércios (servindo como atrativos para o sucesso da venda de produtos) e até no vestuário, consolidando expressões de identidade e autoestima. Já na natureza, as cores indicam a composição básica de plantas e alimentos, também possibilitando a identificação de animais venenosos que colocam em xeque a saúde humana, como o caso do *Phylllobates terribilis*, um anfíbio encontrado na floresta Amazônica. Suas alertam predadores sobre toxicidade extrema que impedem a transmissão de impulsos nervosos, podendo resultar em uma paralisia muscular. (ALVAREZ; WILEY, 2011).

Imagem 3 - Ilustração de anfíbio venenoso de cores vibrantes



Fonte: Animal Diversity Web - Universidade de Michigan (EUA)

Nesse sentido, é impossível para os seres humanos não serem sensibilizados por tal fenômeno ótico¹ em determinado momento da vida, e tais ocorrências são grafadas em nossas lembranças, criando memórias afetivas e

¹ O estudo “A cor como informação”, do pesquisador e professor Luciano Guimarães, traz maiores detalhes a respeito do aparelho óptico humano, capaz de captar a exposição da luz sobre objetos e decodificá-la em informação. De acordo com Guimarães, “O olho é uma câmera obscura dotada de um jogo de lentes, que converge os raios luminosos para a parede oposta ao orifício, captando, desta forma, a imagem” (2004, página 21).

associando sentimentos com eventos ocorridos. De acordo com a escritora e cientista social alemã Eva Heller², “[...] cores e sentimentos não se combinam ao acaso e nem são uma questão de gosto individual - são vivências comuns que, desde a infância, foram ficando profundamente enraizadas em nossa linguagem e pensamento” (HELLER, 2013, p.17).

Em outras palavras, a história da humanidade e das relações humanas influenciou a forma com a qual damos significado às cores na atualidade, e por ter grande influência de aspectos culturais, a percepção e interpretação das cores está sempre em transformação por conta de novas tendências e eventos. A marca Pantone³, por exemplo, já é reconhecida internacionalmente por realizar pesquisas e serviços de consultoria que tornam possível a previsão de tendências sazonais de cores, realizando desde os anos 2000 a escolha da “Cor do Ano” (PANTONE, s.d).

Imagem 4 - Tonalidades escolhidas para a “Cor do Ano”, de 2000 a 2021



² É importante enfatizar alguns detalhes sobre a metodologia de Heller, que inclui entrevistas e apresentação de informações históricas e culturais para embasar a pesquisa: “Para este livro [A Psicologia das Cores] foram consultadas duas mil pessoas de diversas profissões, através de toda a Alemanha. Foram inquiridos sobre suas cores prediletas, sobre as cores de que menos gostavam, sobre todos os efeitos que cada cor pode ter e sobre a cor típica de cada sentimento. Cento e sessenta diferentes sentimentos e características – do amor ao ódio, do otimismo à tristeza, da elegância à feiúra do moderno ao antiquado – foram associados a cores específicas” (HELLER, 2013).

³ A iniciativa norte-americana é principalmente reconhecida por um sistema que permite uma seleção e nomeação mais apurada das infinitas tonalidades existentes, sendo ponto de partida para muitas pessoas que estão à procura de uma paleta de cores que transmita a mensagem desejada (PANTONE, s.d).

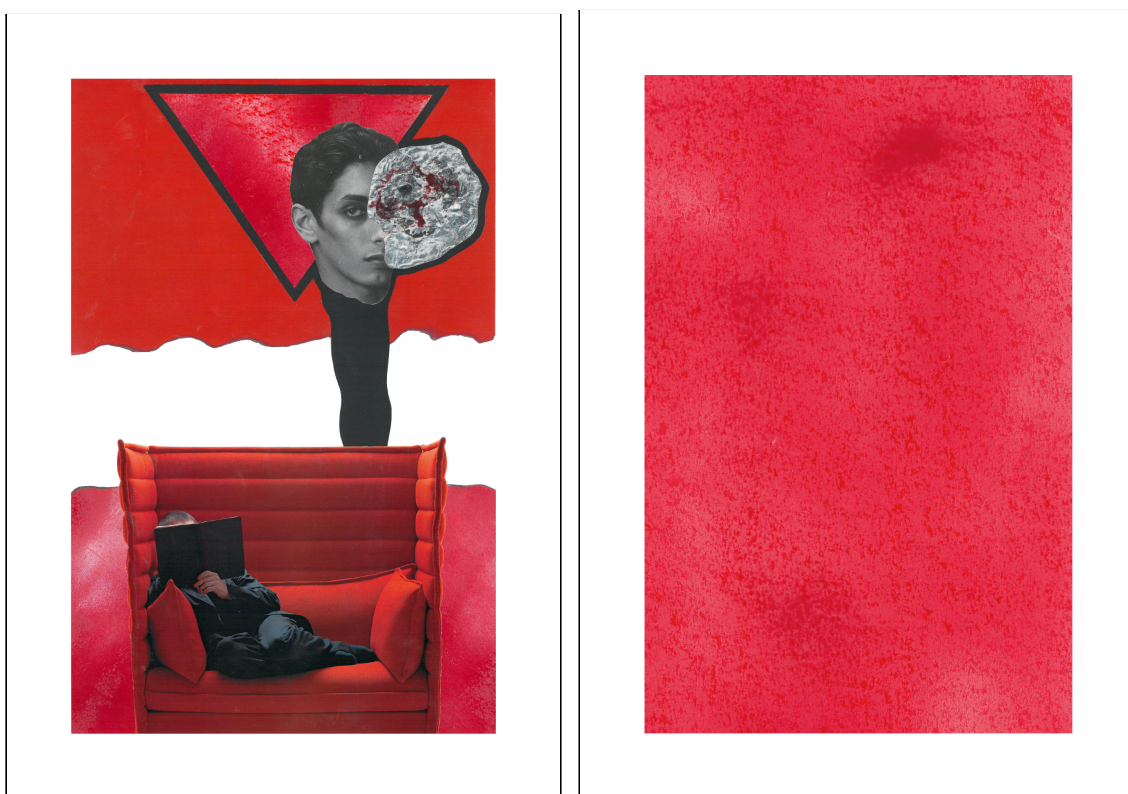
Já na introdução de “A cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e a Teoria de Goethe”, de Lilian Ried Miller Barros, a autora pontua que existe uma limitação educativa quanto à exploração das cores, que poderia ser mais específica e aprofundada: “[...] o ensino da cor, entendido como disciplina didática em escolas e universidades, resume-se, na maioria dos casos, a uma breve passagem teórica sobre as questões físicas da luz e noções sobre as misturas dos matizes no círculo cromático” (BARROS, 2011). Tal argumentação reforça a importância de levar o estudo das cores para além da teoria por meio de seu uso prático para promover excelência acadêmica e artística.

Hoje, com todos os recursos de que dispomos, seja a computação gráfica, sejam os inúmeros tons oferecidos pela indústria de tintas, entre muitos avanços da nossa era, a tarefa de combinar as cores e escolher os tons adequados para um contexto específico continua a representar um grande desafio. Ainda paira no ar a sensação de que essa tarefa requer, como a criação do artista, uma inspiração, uma intuição ou um talento nato (BARROS, 2011, p. 16).

Pensar em cores e utilizá-las com maestria trata-se não só de um recurso visual isolado, mas também de uma potente ferramenta da comunicação visual em inúmeras situações, coexistindo com outros recursos imagéticos. Em seus estudos, Lilian caracteriza a cor como “uma ferramenta poderosa para a transmissão de ideias, atmosferas e emoções, e pode captar a atenção do público de forma forte e direta, sutil ou progressiva” (Idem). Além disso, a autora também explicita que quando a cor é utilizada como elemento criativo, oferece inúmeras possibilidades para quem a utiliza, gerando “composições atrativas, impactantes ou tranquilizantes” (BARROS, 2011, p.15).

Nas imagens em sequência (de numeração 15 e 16), a colagem “Tédio” traz a cor vermelha em destaque, em referência ao sentimento de raiva, insatisfação, de não concordância e negação, ao lado de outros elementos que fazem alusão aos momentos ociosos causados pelo isolamento social, sendo esta a terceira obra do caderno. Ao lado da obra, a textura criada para auxiliar na composição da imagem, realizado com o uso de spray de tinta vermelho.

Imagens 5 e 6: Colagem “Tédio” (esquerda) e Textura vermelha (direita)



Fonte: Acervo pessoal

Entre as inúmeras possibilidades de usar e experimentar a cor, o presente trabalho destaca os recortes de elementos e texturas encontrados predominantemente em revistas e outros materiais impressos, que são essenciais para dar vida à colagem analógica. Pela perspectiva da arte europeia⁴, tal técnica tem início oficial atribuído aos artistas George Braque (1882-1963) e Pablo Picasso (1881-1973) no início do século XX (MARTINS, 2007, p. 51). O uso de materiais diversos e incomuns na esfera da arte para a época proporcionam uma ruptura com o fazer artístico do momento vigente, como pode-se observar no artigo “Colagem: investigações em torno de uma técnica moderna”, de Luiz Renato Martins. No texto, o autor contextualiza o surgimento da colagem na história das artes e a apresenta como uma técnica capaz de romper elementos essenciais de produções artísticas:

⁴ É importante enfatizar que, apesar da citação contemplar a história da arte europeia e considerando também a perspectiva cultural e identitária, técnicas semelhantes à colagem já eram utilizadas em vestimentas de indígenas mexicanos e em poemas japoneses há cerca de mil anos, como citado por Raquel Magalhães (2021) no artigo “Cor e colagem”.

Ao implicar materiais e elementos não estritamente pictóricos como papel-jornal, areia, linhas etc., a colagem romperia com o primado da interação simbiótica entre o ótico e o mental, que vinha se afirmando desde o início do modernismo como essencial na pintura (MARTINS, 2007, p. 51)

Por outro lado, além da esfera artística, a ascensão da cultura do consumo no continente europeu e intensificação da indústria gráfica impactam também no surgimento da colagem nas grandes cidades europeias, onde as técnicas de justaposição e sobreposição de imagens passaram a ser utilizadas e vistas com maior frequência (IWASSO, 2010, p. 39). No artigo referenciado – Copy/Paste (2010) — Vitor Rezkallah Iwasso refere-se à colagem como um marco fundamental na história da arte ocidental:

Camadas de informação aparecem justapostas/sobrepostas, seja nas placas das fachadas dos estabelecimentos, seja nos muros ou postes das vias públicas. Fragmentos heterogêneos de imagem e tipografia disputam com as atraentes vitrines das lojas a atenção do passante. [...] Se uma mudança de temas e modos de representação – decorrente de novos questionamentos sobre a percepção visual – pode ser notada na arte do período, [...] não é sem atrito que os elementos “intrusos” dessa cultura de massa em desenvolvimento irão, aos poucos, figurar no universo da arte. Esse processo de apropriação era muitas vezes visto como “meio” em direção a fins mais “respeitáveis”, tensionando as relações entre uma iconografia advinda da experiência do espaço urbano e uma arte restrita a sua autonomia formal (IWASSO, 2010, p. 39).

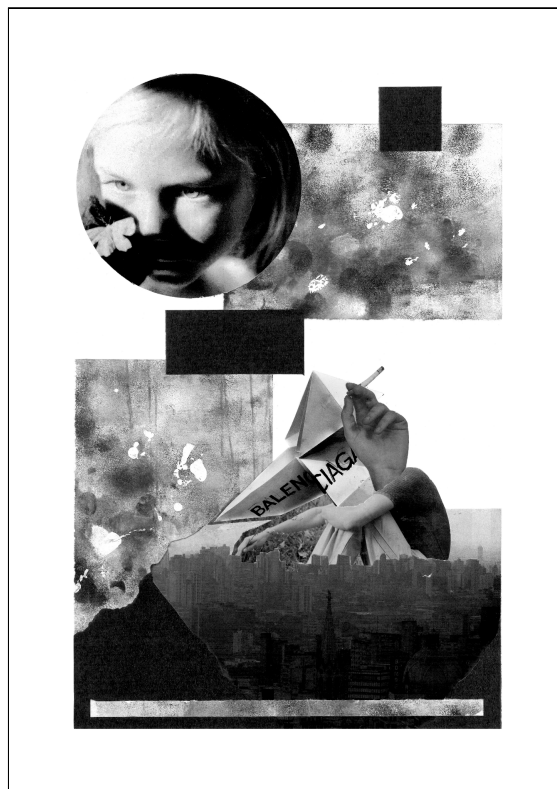
De acordo com o ensaio realizado por Magalhães (2021), o surgimento da colagem possibilita que artistas realizem a apropriação de uma série de elementos da vida cotidiana para a esfera da arte. Assim, é possível afirmar que com o surgimento da técnica, as cores e texturas tornaram-se suscetíveis a serem apropriadas:

Com o advento da colagem, a cor se torna um elemento concreto que pode ser recortado e colado. Essa nova propriedade material confere a seu uso um caráter diametralmente oposto ao de épocas anteriores, quando era vista e utilizada de acordo com relações locais, emotivas e espirituais, ao mesmo tempo que evidencia a emancipação da cor de sua própria representação. Isto é, ela não se limita a ser apenas cor gerada pela mistura física de pigmentos sobre tela, mas pode também ser agora apropriada, tomada de empréstimo (MAGALHÃES in GIANNOTTI, 2021, p.119).

Nesse sentido, é possível compreender que a apropriação da cor por meio da colagem revoluciona produções artísticas e seus respectivos processos de investigação de referências e práticas criativas. Tais construções trazem como resultado tanto novas referências quanto imagens formadas por composições inéditas. Apesar da cor e da colagem possuírem seus significados e usos distintos, quando combinadas apresentam um grande potencial de auxiliar pessoas a organizarem suas ideias visualmente.

Abaixo, a colagem intitulada “Solidão” apresenta composição formada pelas cores branco, cinza e preto. Por considerar os aspectos psicológicos das cores, o presente trabalho considera o branco como uma cor, uma vez que a mesma possui seus significados e influências.

Imagem 7: Colagem “Solidão”



fonte: Acervo pessoal

4.2 BAUHAUS: DIDÁTICA E FORMAÇÃO

Extremamente importante para o estudo no ensino na Arquitetura, Design, Artes Visuais e igualmente importante para aprofundar o conhecimento técnico e criativo sobre o uso das cores, a Bauhaus⁵ surge no início do século XX e dispõe para a sociedade a percepção de grandes mestres interessados em entender a subjetividade da área. Nesse sentido, este Memorial apresenta, de forma mais direta, os processos criativos sobre o estudo e a prática do uso das cores desenvolvidas na escola de arte vanguardista na Alemanha com as teorias e metodologias didáticas realizadas por seus mestres.

Para entender a importância da Bauhaus, é preciso primeiramente avaliar o contexto histórico na qual está inserida. Em abril de 1919, ano de abertura da Bauhaus, o arquiteto e fundador Walter Gropius torna público o documento de Manifesto da instituição, enfatizando a atuação conjunta e coordenada de arquitetos, pintores e escultores com o intuito de retorná-los à prática do artesanato, livre da “presunção elitista que pretendia criar um muro⁶ de orgulho entre artesãos e artistas” (GOETHE, s.d). Além disso, a inauguração da escola acontece próxima ao período que antecede a 1ª Guerra Mundial, momento histórico marcado pelo “desenvolvimento industrial, a par do avanço tecnológico e científico, numa sociedade ainda sem estruturas para responder às novas exigências” (LOPES, s.d).

Futuramente, a escola foi extinta em 1933 pelo governo nazista de Adolf Hitler. O fim da Bauhaus, no entanto, não significou a queda dos ideais teóricos e práticos que ali eram desenvolvidos, uma vez que os frequentadores da instituição refugiaram-se para outros países e continentes, disseminando o conhecimento construído na escola para o mundo e influenciando produções artísticas e outras instituições educativas desde então (BARROS, 2011, página 30). Um ponto em comum entre os mestres da Bauhaus supracitados é a liberdade criativa com a qual

⁵ “A Bauhaus, famosa escola alemã cujo objetivo era a democratização da obra de arte por meio de sua integração com a produção industrial, realizou uma verdadeira modernização no ensino artístico. Os seus mestres tiveram total liberdade para criar novos métodos didáticos que contribuíssem para a formação de um profissional socialmente integrado” (BARROS, 2011, página 18).

⁶ Walter Gropius enfatiza no Manifesto a importância de não diferenciar o artista e o artesão, sendo o primeiro uma elevação do segundo. Nesse sentido, Gropius sugere a aproximação dos atuantes das áreas artísticas com a produção industrial (BARROS, 2011, página 34).

ensinavam seus alunos, permitindo que os mesmos explorassem ao máximo seus respectivos potenciais.

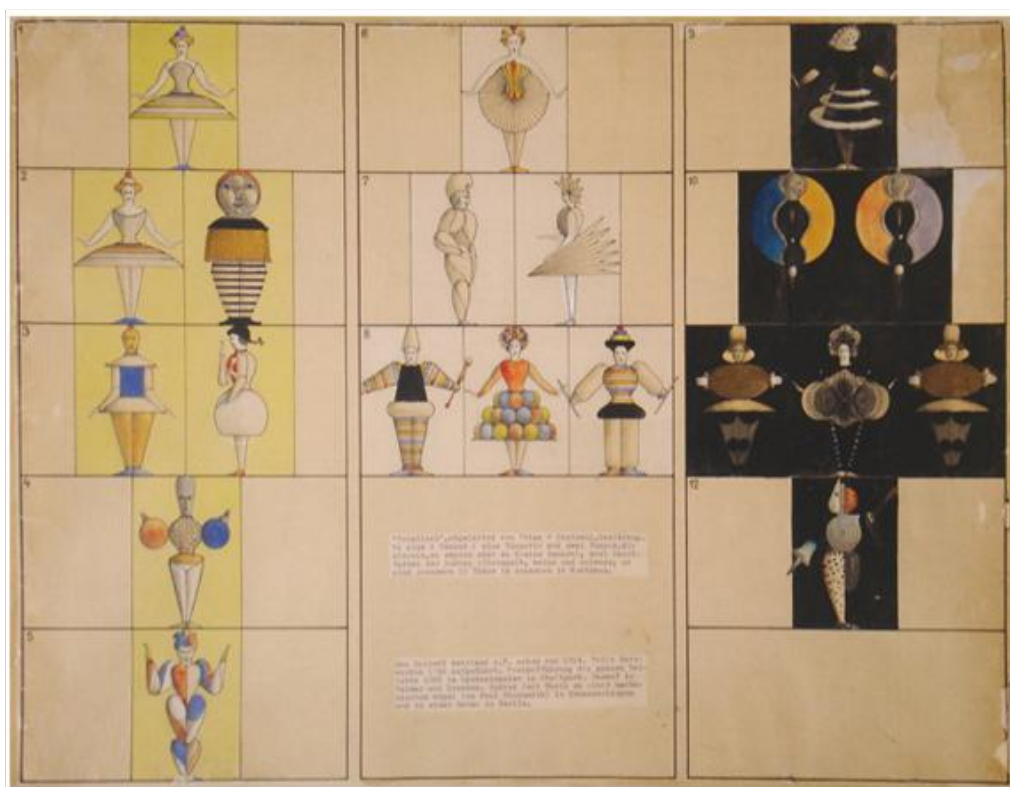
A grade curricular da Bauhaus contou com o ensino de “novas técnicas e recursos que se tornaram elementos básicos da cultura visual dos tempos futuros. Fotografia, fotomontagem, arte de vanguarda, colagem, tipografia, ergonomia, funcionalidade e muito mais se tornariam parte do seu conteúdo” (IMBROISI, 2022). Além disso, seus estudantes eram incentivados a levar a criatividade para além de suas formações como designers e arquitetos, explorando possibilidades em outras áreas:

Uma característica inovadora da didática da Bauhaus, entre outras, era o estímulo da imaginação. Embora seu objetivo central fosse a formação de desenhistas industriais e arquitetos, exercícios e eventos em áreas diversificadas, como cenografia, direção, coreografia, ação cênica e dança também eram incentivados. Nesse sentido, essas teorias da criação desenvolvidas pelos mestres pintores também ofereciam aos alunos uma visão nunca antes explorada: o processo de formação (BARROS, 2011, p.46).

Entre as atividades paralelas que estimulavam a criação realizadas na Bauhaus, destaca-se o Ballet Triádico⁷ da instituição, que utilizava tinta guache, nanquim e colagens para rascunhar os figurinos das apresentações, além de incluir a colagem no programa pedagógico da instituição (ITAÚ CULTURAL, 2015).

⁷ “O Ballet Triádico da Bauhaus, proposto pelo pintor-dançarino Oskar Schlemmer em sua forma mais completa no ano de 1922, é um trabalho que, por seu pioneirismo e complexidade, aponta para diversas questões importantes na era contemporânea. É um dos primeiros espetáculos inteiramente abstratos da história. A dança a partir dele não seria a mesma, seus bailarinos movem-se suavemente, quase flutuando como acontece com as marionetes. Por causa dela, Schlemmer conquista renome internacional pela inovação conceitual e formal. Trata-se de um novo saber e uma nova expressão estética. Com ele, Schlemmer demonstra claramente sua estruturação formal em direção à estética racional construtivista” (BOCCARA & CARVALHO, 2009).

Imagem 5: Rascunhos de Oskar Schlemmer com colagem.



Fonte: Senac (SP).

4.4 TRIBUTO A HENRI MATISSE E TOMIE OHTAKE

A técnica da colagem está presente em território nacional e no mundo devido à vasta existência de artistas que estudam e praticam a técnica. De acordo com a Enciclopédia Itaú, que agrega o termo colagem, “Os princípios de composição inaugurados pelas colagens encontram seguidores em todo o mundo, o que não significa falar em generalização uniforme, mas em interpretações distintas de um mesmo procedimento” (ITAÚ CULTURAL, 2015). Nesse sentido, o tópico presta homenagem a duas grandes referências da área, uma internacional e outra nacional, sendo elas Henri Matisse e Tomie Ohtake, respectivamente.

Pioneiramente, Henri Matisse (1869-1954) é uma das referências de artistas que utilizaram cor e colagem em suas produções. Já nos últimos anos de sua vida, o artista dedicou-se ao fazer artístico por meio de recortes. Com o agravamento de sua saúde ao final dos anos 60, “[...] Matisse começou a cortar papel pintado com uma tesoura para fazer rascunhos para várias encomendas. Com o tempo, Matisse

preferiu os recortes à pintura”. O curador Nicholas Cullinan, que organizou uma exposição *Henri Matisse: the Cut-Outs*⁸ com obras de Matisse, afirmou que as colagens do artista “começaram quase que por acaso, com obras bastante pequenas”, desenvolvidas para rascunhar desenhos e maquetes (BBC, 2013), enquanto o Tate Modern, Museu que abrigou tal exposição, relata que ao utilizar a colagem, Matisse começou a “esculpir em cores” (TATE, 2014).

Imagem 8 - Les Codomas (1947)⁹



fonte: Museum of Modern Art

Já no Brasil, a artista plástica Tomie Ohtake também utilizava colagens para rascunhar suas obras, sendo a técnica parte de seu processo criativo. Tomie Ohtake também “[...] preenchia cadernos e folhas soltas com dezenas de pequenos retângulos, cada um a síntese de uma pintura” (INSTITUTO TOMIE OHTAKE, 2013), fato que assimila a artista com o caderno de colagem. De acordo com Agnaldo Farias e Paulo Miyada, que investigaram a produção de Ohtake para realizar a exposição “Influxos das Formas” em 2013, a artista reunia uma série de recortes e experimentações para criar suas obras:

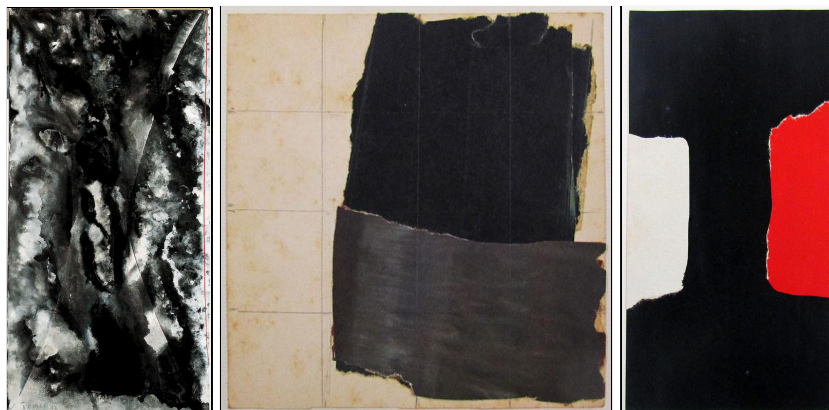
Por muitos anos, Tomie rasgou e recortou páginas de revistas brasileiras e japonesas – além de cartões postais, envelopes e o que mais lhe caísse nas mãos – a fim de criar os módulos de seus estudos para pinturas e gravuras. Segundo os

⁸ “Os recortes de Henri Matisse”, em tradução livre.

⁹ Disponível em Museum of Modern Arts: www.moma.org/collection/works/105389.

curadores, tratam-se de colagens pequenas, nas quais interessa não apenas o tamanho e a cor dos pedaços de papel, mas também a textura e os detalhes que podiam ser cuidadosamente emulados em suas telas (idem).

Imagens 9, 10 e 11 - Estudos de Ohtake



Fonte: Casa Vogue/Divulgação.

Em Brasília, a artista visual Letícia Miranda também já investigou o processo criativo de Tomie Ohtake, realizando em julho a agosto de 2021 o ateliê “O abstrato como gesto” durante o Festival Desenho Vivo. No catálogo do evento, Letícia explicita a importância dos rascunhos da artista japonesa/brasileira e sua relação com a técnica da colagem:

Há algum tempo Tomie Ohtake virou uma obsessão pessoal. Algo nos quadros dela, no gesto que compõe os quadros, as cores, as deformações, as dimensões... Há um encanto escondido em cada abstração criada pela artista. O processo da pesquisa revelou os rascunhos de Tomie. No processo de preparação dos quadros ela costumava fazer alguns esboços que a possibilitava observar, montar e projetar suas pinturas. Alguns desses ensaios eram feitos com desenhos e colagens (MIRANDA in FESTIVAL DESENHO VIVO, 2021).

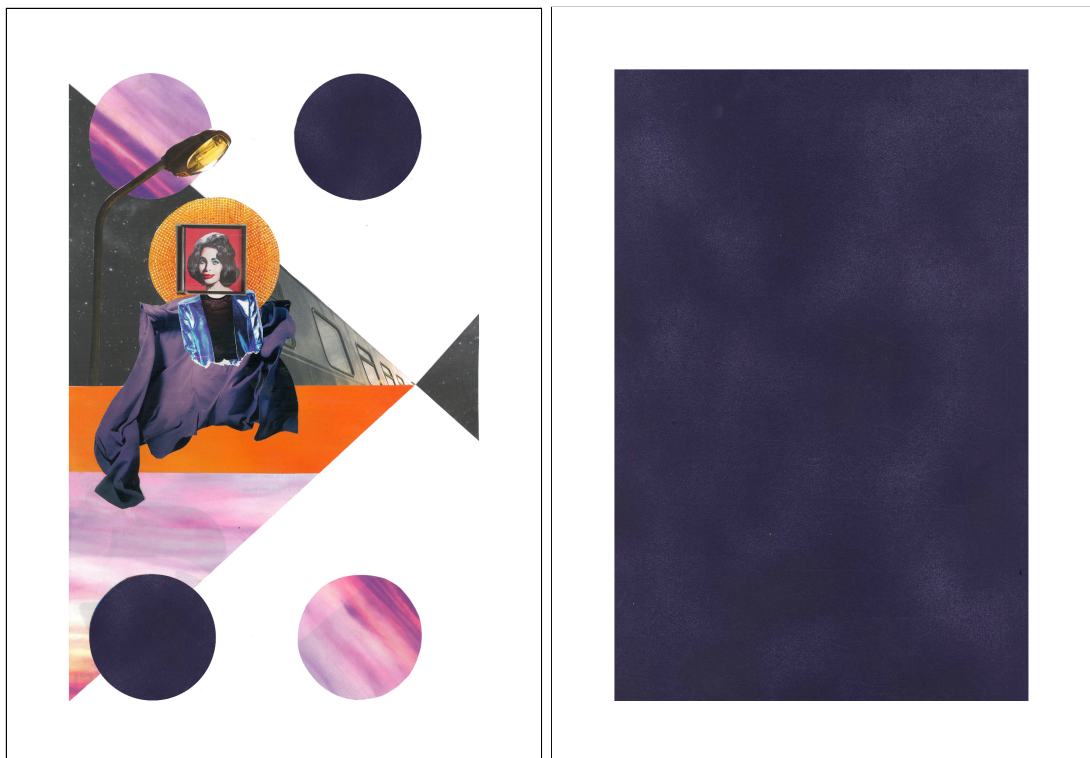
Imagens 12 e 13 - Estudos de Letícia Miranda;



Fonte: Reprodução/Instagram.

Em homenagem a Henri Matisse e Tomie Ohtake, todas as obras do caderno de colagem “Saudade e Outros Sentimentos Malignos” contam com texturas produzidas com técnicas semelhantes às utilizadas. Abaixo, é possível visualizar a importância de tais texturas no processo de finalização das obras. Na colagem “Fantasia”, por exemplo, a textura roxa é adicionada à composição com a finalidade de assegurar originalidade.

Imagens 14 e 15: Colagem “Fantasia” e Textura roxa



fonte: Acervo pessoal

5. METODOLOGIA

Metodologicamente, o trabalho teve início na suposição de três hipóteses¹⁰ que reúnem a temática da cor e da colagem (citadas na introdução) e com apuração acompanhada por técnicas de interrogação como instrumento de coleta de dados¹¹ do assunto. Já para a realização prática do produto referenciado, foi escolhida o formato de pesquisa experimental¹² que possibilitou a realização de obras por meio da colagem com o uso de recortes e outros materiais que incentivam a criação analogicamente, como aquarela, caneta, giz de cera, lápis de cor, nanquim, entre outros. Foram propostas fases do processo que englobam a prática didática apresentada no tópico do Referencial Teórico, juntamente com a realização de entrevistas e formulários e, por fim, a criação do caderno de colagem temático sobre “Saúde”.

5.1 COLETA DE DADOS

Para ampliar e melhor fundamentar o produto, foram realizadas entrevistas e formulários com artistas que utilizam a técnica da colagem, tanto analogicamente como digitalmente, gerando reflexões sobre a temática da cor e da colagem no processo criativo. As perguntas foram separadas em 2 categorias, sendo elas:

- A) Informações pessoais: nome, perfil nas mídias sociais, idade, pronomes de tratamento, identidade de gênero, autodeclaração de raça, profissão, localidade, escolaridade.

¹⁰ “Por hipótese entende-se uma suposição ou explicação provisória do problema. Essa hipótese, que em sua forma mais simples consiste numa expressão verbal que pode ser definida como verdadeira ou falsa, deve ser submetida a teste. Se em decorrência do teste for reconhecida como verdadeira, passa a ser reconhecida como resposta ao problema”. (GIL, 2017, p. 27).

¹¹ “Para a coleta de dados nos levantamentos são utilizadas as técnicas de interrogação: o questionário, a entrevista e o formulário. [...]. Entrevista, por sua vez, pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação “face a face” e em que uma delas formula questões e a outra responde. Formulário, por fim, pode ser definido como a técnica de coleta de dados em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas. Convém considerar que o levantamento, por basear-se essencialmente em informações proporcionadas pelos sujeitos da pesquisa, apresentará sempre algumas limitações no que se refere ao estudo das relações sociais mais amplas, sobretudo quando estas envolvem variáveis de natureza institucional.” (GIL, 2017, p. 77)

¹² “A pesquisa experimental constitui o delineamento mais prestigiado nos meios científicos. Consiste essencialmente em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis capazes de influenciá-lo e definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto. Trata-se, portanto, de uma pesquisa em que o pesquisador é um agente ativo, e não um observador passivo.” (GIL, 2017, p. 35)

B) Perguntas gerais: a) Qual o maior diferencial entre a colagem analógica e a colagem digital? b) Como foi a sua relação com a técnica da colagem durante o isolamento social? c) Qual a influência da cor na seleção dos elementos de composição nas suas colagens? d) Você atribui previamente temas e sentimentos para suas obras? Ou o sentido surge pelo acaso? Há sentido no que é produzido?

Os dados qualitativos resultantes de cada uma das entrevistas foram analisados para possibilitar uma ampliação de debate quanto a percepção das cores em processos de criação, sua interseccionalidade com a técnica da colagem e também a sua importância para a qualidade de vida e estímulo à criatividade de artistas da área durante o período¹³ de isolamento social e pandemia da Covid-19. As entrevistas foram realizadas por Google Meets e, em caso de indisponibilidade das pessoas participantes e em consideração com os limites da pesquisa impostos pelo cronograma de execução, as perguntas foram enviadas em formato de formulário via e-mail e também respondidas na mesma plataforma e formato.

No processo de montagem da mostra escolhida, buscou-se diversificar ao máximo o perfil dos participantes e contemplar artistas de diferentes visões para enriquecer o conteúdo do trabalho. Além disso, tanto artistas de colagens analógicas quanto de colagens digitais foram entrevistados, ação fundamental para desmistificar as técnicas e não reforçar a visão dicotômica entre ambas.

5.1.1 ENTREVISTA - ALESSANDRA PORTILHO

Alessandra Portilho, 32 anos, mulher cisgênero, branca, formação em Turismo, natural do Rio de Janeiro (RJ).

Para você, qual o maior diferencial entre a colagem analógica e a colagem digital?
Eu sinto que o maior diferencial entre as duas técnicas está no fato de que existe na colagem analógica mais sensação de afeto, de abraço. Mexe mais com meus sentidos. Gosto muito das duas, mas existe um sentimento de nostalgia na analógica: ao pegarmos no papel, ao fazermos uma caça em busca de revistas, acaba sendo diferente da caça que acontece na colagem digital.
Como foi a sua relação com a técnica da colagem durante o isolamento social?

¹³ Para maior delimitação do espaço temporal, entende-se como “período” o anúncio de alerta da Organização Mundial da Saúde diante do crescimento global no número de infectados e mortes do coronavírus, ocorrido em 11 de março de 2020 e vigente até o momento de execução do presente documento.

Me aproximei muito mais da colagem com a chegada do isolamento social. Eu estava em casa de quarentena e fiquei desempregada. Então me apeguei mais à colagem: além de ser a minha válvula de escape para toda falta de perspectiva, também se transformou na minha fonte de renda. Me aproximei, me apeguei e me senti abraçada. A sensação é que a colagem me abraçou.

Qual a influência da cor na seleção dos elementos nas suas composições?

Acredito que influencia até demais. Eu tento me desprender e não pensar nessa conversa entre as cores, tento fazer composições mais soltas. Mas na maioria das vezes eu não consigo, a conversa acontece de uma forma ou de outra. Gosto muito de fotos antigas, de contrastar as cores com o preto e branco. Tenho uma relação muito forte com a cor mesmo quando não quero ter.

**Você atribui previamente temas e sentimentos para suas obras?
Ou o sentido surge pelo acaso? Há sentido no que é produzido?**

Já presenciei todas essas situações. De fazer colagem do nada, mas é exatamente nesse momento que começo a fantasiar e me questionar: até que ponto algo me influenciou ou não a fazer uma colagem? Já experimentei todas as opções, criando sem tema ou com tema. Na quarentena tentei expressar sentimentos por meio de colagens para meu acervo pessoal.. Por outro lado, quando atendo encomendas, trabalho com recortes temáticos com frequência. Fico entregue a quem me contratou e bastante inquieta para retratar os sentimentos e as sensações de outras pessoas.

5.1.2 ENTREVISTA - LETÍCIA MIRANDA

Letícia Miranda, 26 anos, mulher cisgênero, negra, professora e artista visual, natural do Paranoá (DF), mestranda e integrante da diretoria do Clube de Colagem de Brasília.

Para você, qual o maior diferencial entre a colagem analógica e a colagem digital?

Acredito que eleger um recurso em detrimento do outro, tem a ver com o que queremos mostrar, ou como queremos mostrar. Não vejo essas práticas como dicotômicas. Entendo que os insumos são diferentes e isso vai interferir no resultado. Se for pra citar uma diferença seria essa, que cada técnica proporciona um tipo de experiência e devemos pensar nisso ao escolher uma ou outra.

Como foi a sua relação com a técnica da colagem durante o isolamento social?

Minha produção foi bem pontual. Tentei seguir o ritmo que dava. Então fiz poucos trabalhos de colagem, mas comecei a desenhar, pintar, fui me interessando por outras coisas e segui esse fluxo, sem me preocupar muito com quantidade. Nesse período, busquei ser fiel a mim mesma, sem me prender a uma técnica.

Qual a influência da cor na seleção dos elementos nas suas composições?

A reflexão sobre cor é algo secundário, na maioria das vezes. Deixo para pensar nisso quando já terminei a obra. Mas já consegui identificar que muitas vezes me apego a uma cor e vejo ela refletida em vários projetos. Quando escolho construir uma obra a partir de uma cor, geralmente, essa decisão parte desse lugar de uma obsessão. Outras vezes penso no impacto da cor diante do que quero comunicar, e enquanto vou separando as imagens já vejo quais cores conversam entre si.

Você atribui previamente temas e sentimentos para suas obras?

Ou o sentido surge pelo acaso? Há sentido no que é produzido?

Depende. Cada projeto demanda uma coisa. Quando estou perseguindo um tema penso muito antes de executar, mas às vezes não. É muito relativo. Acho que é importante seguir o fluxo, sem criar muitas regras sobre como fazer arte. Os momentos mudam, a gente muda... é importante para mim apostar e acreditar em como estou me sentido. Na hora de fazer um trabalho é isso que me interessa. Os sentidos, se existirem, chegam depois.

5.1.3 ENTREVISTA - MARCUS PÓVOA

Marcus Póvoa, 38 anos, homem gay cisgênero, branco, publicitário, natural de Palmas (TO).

Para você, qual o maior diferencial entre a colagem analógica e a colagem digital?

A principal diferença da colagem digital para a analógica é que a primeira permite uma liberdade maior, já que você pode pesquisar exatamente o que está pensando. A analógica talvez já comece com uma previsão do que vai resultar, porque os elementos muitas vezes já estão escolhidos. Mas a relação do artista com ambas também é diferente: na analógica, o resultado está em mãos e a reprodutibilidade é menos imediata. Por mais que eu prefira fazer colagem digital, tenho grande admiração por quem faz com papel, tesoura e cola, e tento emular o recorte analógico nas colagens digitais.

Como foi a sua relação com a técnica da colagem durante o isolamento social?

A colagem foi uma das atividades que deram mais sentido ao isolamento social. Tentei fazer o máximo que pude, já que não tinha as atividades de socialização. Passei por um processo de isolamento que resultou em depressão e uma das poucas coisas que conseguia fazer e dava prazer era justamente a colagem digital. Também tive problemas financeiros e fiz rifas de algumas dessas colagens.

Qual a influência da cor na seleção dos elementos nas suas composições?

A cor é um dos principais elementos que visualizo antes de começar a colagem. Então muitas vezes ele guia o processo de imaginação, a escolha de outros elementos e o resultado final. Quando faço séries de colagens, tento diferenciá-las justamente nas cores, inclusive aproveitando o ambiente digital para alterar algumas cores.

**Você atribui previamente temas e sentimentos para suas obras?
Ou o sentido surge pelo acaso? Há sentido no que é produzido?**

Sim, o início do processo de colagem geralmente começa com um sentimento, que pode ser modificado no processo, mas que costuma delimitar o que quero fazer. Como uso como processo terapêutico, muitas vezes é como se eu estivesse escrevendo em um diário. Na maioria das minhas colagens atuais, adiciono texto para deixar mais claro esse sentimento, quase como uma legenda. Também tenho feito um exercício de pedir a outras pessoas que sugiram elementos para a colagem, para, a partir disso, tentar encaixar elementos variados (nesse caso, não começo com um sentimento, mas com "imagens mentais"). Mesmo que surja ao acaso, procuro fechar a obra em algo que faça sentido, ainda que só para mim. Como posto o que faço nas redes sociais, já tive resposta de pessoas que entenderam um sentido diferente do que eu pretendia, aproximando a colagem do que elas estavam sentindo naquele momento.

5.1.4 ENTREVISTA - RAIAN PINHEIRO DA SILVA

Raian Pinheiro da Silva, 20 anos, identidade não binária (ele/ela/elu), preto, graduando em Licenciatura em Dança, natural do Amazonas (AM), colagista e performer.

Para você, qual o maior diferencial entre a colagem analógica e a colagem digital?
O modo como os recortes e rasgos são mais natural na analógica é um dos pontos bastante perceptível no que diz respeito a diferente, comparando a digital.
Como foi a sua relação com a técnica da colagem durante o isolamento social?
Primeiramente, comecei a consumir conteúdos de outros colagistas, onde observava e pesquisava depois como criar no modo digital e analógico. No analógico, confesso que achei mais simples já que os papéis são mais fáceis de recortar ou rasgar a mão, diferente do digital, que acredito levar mais tempo e concentração melhor ao fazer.
Qual a importância da cor na seleção dos elementos nas suas composições?
Costumo selecionar as cores ou imaginar de acordo com o intuito da temática que quero passar.
Você atribui previamente temas e sentimentos para suas obras? Ou o sentido surge pelo acaso? Há sentido no que é produzido?
Sim, sentimentos totalmente, bem como tema. Durante minhas criações penso muito em elementos que fazem sentido com o que quero repassar ou mesclar com o contexto da obra.

5.1.5 ENTREVISTA - PAULO VICTOR TAVARES

Paulo Victor Taveres, 30 anos, homem cisgênero, branco, artista visual e editor de vídeos, natural do Rio de Janeiro (RJ), Cofundador da Sociedade Brasileira de Colagem.

Para você, qual o maior diferencial entre a colagem analógica e a colagem digital?
Apesar do resultado final da obra poder ser parecido em algumas vezes, o que diferencia muito a colagem analógica da colagem digital, na minha opinião, é o processo. A busca dos elementos e como as imagens se revelam durante o meu processo "analógico" é algo mágico, muitas vezes revelador e uma ferramenta de autoconhecimento. São vontades e prazeres que não encontrei no processo da colagem digital. Não que uma seja melhor que a outra, mas é sobre como cada artista se entende e se joga no seu processo, independente da técnica.
Como foi a sua relação com a técnica da colagem durante o isolamento social?
Eu conheci muitas colagistas que começaram a fazer colagem durante a pandemia. Foi um momento em que as pessoas se viram trancadas dentro de casa e para passar o tempo de uma forma lúdica e criativa recorreram a revistas e tesouras. A colagem é uma técnica muito democrática, todos podem fazer. De uma forma geral, quase todo mundo tem um punhado de revistas antigas, cola e tesoura para se jogar nesse universo. Eu comecei a fazer colagem bem antes da pandemia, mas durante esse momento foi algo que se intensificou muito, principalmente nos primeiros meses. Usei a colagem para transbordar, escorrer e me acalmar.

Qual a influência da cor na seleção dos elementos nas suas composições?
Eu atribuo as cores de forma muito intuitiva durante o meu processo. Mas não sei dizer exatamente o motivo, talvez tenha algo a ver com algum tipo de equilíbrio e expressão na composição. Muitas vezes a cor do elemento é muito mais importante do que o próprio elemento em si. Durante o processo me pego muitas vezes pesquisando algo exclusivamente pela cor. Sinto, por exemplo, que preciso de algo "azul" naquela composição. Então, independente de ser um círculo, uma flor ou uma textura, me toca naquele momento que seja "azul".
Você atribui previamente temas e sentimentos para suas obras? Ou o sentido surge pelo acaso? Há sentido no que é produzido?
Na maioria das vezes os temas surgem durante o processo. É um encontro com uma imagem que te toca e você sente a necessidade de usar ela ali, naquele momento. Já sobre o sentido, eu não sinto tanto essa necessidade de que a minha obra tenha um sentido em si. O importante é que a colagem saia de dentro de mim e que ela te toque ou te inspire de algum jeito. Pode ser uma colagem apenas com letras, ou abstrata, ou colorida... no final das contas toda obra passa um sentimento para quem a contempla verdadeiramente.

5.2 ANÁLISE DOS DADOS

Parte das pessoas entrevistadas diferenciam a colagem analógica da digital associando a primeira a sentimentos, sensações e subjetividades: Alessandra cita a “sensação de afeto, de abraço” e “nostalgia” ao tocar e recortar o papel; Paulo Victor caracteriza a busca dos elementos no processo analógico como “mágico” e “ferramenta de autoconhecimento”. Por outro lado, Letícia argumenta que não vê as práticas como “dicotômicas” e defende que “cada técnica proporciona um tipo de experiência”, não sendo necessária a avaliação de “uma ou outra”. Marcus Póvoa, que é mais adepto à prática da colagem digital, não relaciona sentimentos e sensações exclusivas para nenhuma das técnicas, mas relata que tenta “emular o recorte analógico nas colagens digitais”.

Durante o momento de isolamento social, entrevistadas e entrevistados falam que aproximaram seus contatos com a colagem. Alessandra cita que a técnica tornou-se uma válvula de escape para a falta de perspectiva em relação ao futuro; Já Marcus desabafa que suas colagens deram mais sensação de sentido ao isolamento social, ajudando-o a lidar com a depressão; Paulo aproximou-se ainda mais da colagem, que já conhecia antes do isolamento: “Usei a colagem para transbordar, escorrer e me acalmar”. Além disso, ele também relata que conheceu pessoas que começaram a fazer colagem durante o período, ajudando-as a “passar o tempo de uma forma lúdica e criativa”.

Quando questionadas e questionados acerca da importância da cor em suas composições, participantes relataram que a cor trata-se de um elemento primordial, exceto por Letícia, que apontou o elemento como algo “secundário” na maioria das vezes em que produz. Alessandra afirma que a cor influencia “até demais” em suas escolhas e enfatiza que, mesmo de forma não intencional, estabelece uma relação muito potente com a cor; Paulo afirma que recorrentemente “a cor do elemento é muito mais importante do que o próprio elemento em si”, mas considera que o processo acontece de forma bastante intuitiva.

Para Marcus, a cor é um dos principais elementos que ele visualiza antes de dar início a uma colagem e aponta que as cores são as responsáveis por guiar seu processo de imaginação, a escolha de elementos e também o resultado final. Em uma perspectiva mais objetiva, Raian declara que tem o costume de selecionar as cores de acordo com o intuito da temática que deseja passar, ou seja, de forma intencional. No presente bloco de respostas, vale sinalizar que o depoimento de Letícia, apesar de estar em parcial discordância com as demais participações, é fundamental para ampliar o debate vigente e confirmar uma das considerações finais deste trabalho.

Em relação ao estabelecimento de eixos temáticos nas obras sinalizado na última pergunta, as respostas variaram bastante: participantes Marcus e Raian responderam positivamente. O primeiro sinalizou que seu início do processo geralmente começa com um sentimento que costuma delimitar o que deseja fazer, e ainda sinalizou que, por fazer colagem como um processo terapêutico, percebe que muitas vezes sente como se estivesse escrevendo em um diário. Já Raian respondeu que, durante suas criações, reflete bastante nos elementos que fazem sentido com o que deseja repassar ou mesclar com o contexto de suas obras.

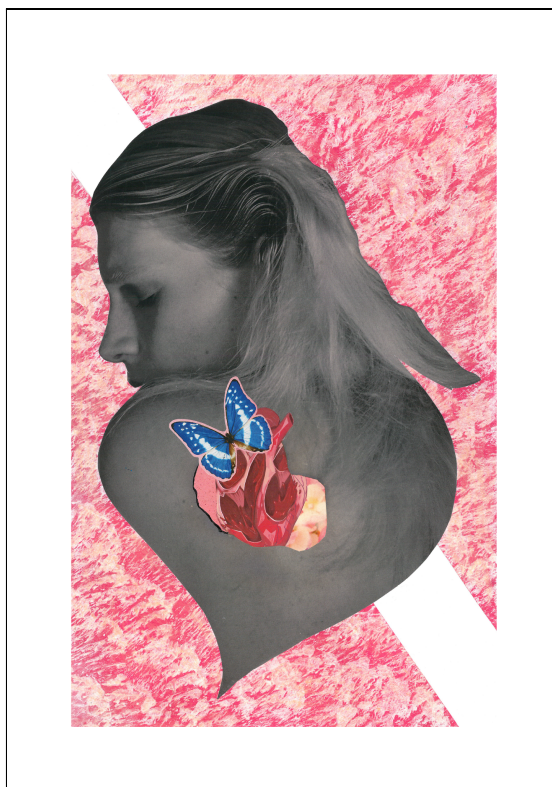
Paulo Victor reconhece que, na maioria das vezes, os temas de suas obras surgem durante o processo e não vê necessidade de que sua produção tenha um sentido em si. Letícia enfatiza que dá mais importância para a forma com que ela se sente ao produzir e que os sentidos atribuídos à obra, caso existam, acontecem de forma posterior. Já Alessandra afirma que já vivenciou situações em que atribuiu os temas, e que em outras não. Para a artista, a intenção de quem realiza encomendas

trata-se de uns dos fatores que torna a temática em um ponto de atenção e também confere um sentido ao que é produzido.

Em uma perspectiva mais pessoal, sempre dei preferência à colagem analógica por encontrar na técnica uma distração de sentimentos inéditos e indesejados, enquanto não me permiti enquanto artista experimentar a colagem digital. Inclusive, foram nos primeiros meses de isolamento social que me aproximei da colagem analógica. Antes de realizar a pesquisa, acreditava que a colagem analógica era mais complexa do que a digital considerando as facilidades introduzidas por softwares de edição. Hoje, reconheço que ambas possuem seu valor e suas respectivas dificuldades, dissolvendo qualquer hierarquia entre as técnicas.

Por gostar muito de pesquisar sobre a origem dos significados das cores por uma perspectiva histórica e cultural, sempre considerei a cor como um elemento de extrema importância para o meu processo criativo. Logo, me apropriei das cores e de seus significados para gerar obras temáticas que buscassem ilustrar sentimentos. A obra “Inocência” (página seguinte), por exemplo, traz o contraste entre o rosa, considerada uma cor “fraca” (de menor potência em comparação ao vermelho e também resultante de uma mistura de vermelho e branco) com uma borboleta azul, símbolo de delicadeza e efemeridade.

Imagem 16: Colagem “Inocência”



Fonte: Acervo pessoal.

5.3 ETAPAS DE PRODUÇÃO DO CADERNO

De modo a organizar a produção do caderno e cumprir com o cronograma de realização do trabalho, foram estabelecidas etapas de produção para o formato escolhido (caderno de colagem), sendo elas:

- i) Delimitação e investigação do eixo temático
- ii) Seleção de elementos
- iii) Produção manual de texturas
- iv) Organização e execução das composições
- v) Escrita dos textos de apoio

vi) Montagem do Caderno para reprodução (5 unidades¹⁴)

5.4 TEMÁTICA: UM EXERCÍCIO SOBRE A SAUDADE

Diante de um momento histórico que coloca em xeque a vivência presencial e coletiva das relações humanas, a avaliação do sentimento “Saudade” tornou-se extremamente latente e sensível e, conseqüentemente, foi escolhida como eixo temático para elaboração do presente caderno de colagens. O título “Saudade e outros Sentimentos Malignos” propõe a reflexão sobre tudo aquilo que sentimos e pensamos enquanto vivenciamos um período marcado por sentimentos que não são ideais ou desejados, mas que precisam ser sentidos.

De acordo com o Dicionário Michaelis, a palavra “saudade” trata-se de um substantivo feminino traduzido como o “Sentimento nostálgico e melancólico associado à recordação de pessoa ou coisa ausente, distante ou extinta, ou à ausência de coisas, prazeres e emoções experimentadas e já passadas, consideradas bens positivos e desejáveis” (MICHAELIS, s.d). No presente contexto, a obra “Saudade” (1899) do artista Almeida Júnior foi escolhida para ilustrar a capa do produto. A partir do ponto de partida de uma obra realizada ao final do século XIX, é possível entender que a saudade pode ser considerada como um sentimento atemporal: À esquerda, obra “Saudade” (1899) de Almeida Júnior; à direita, a mesma obra recortada e anexada ao Círculo Cromático de Goethe para ilustrar a capa do caderno de colagem.

¹⁴ Número de unidades para contemplar a professora orientadora e integrantes da banca, além de uma cópia para a apresentação.

Imagens 17 e 18 - “Saudade” (1899) de Almeida Júnior e “Saudade¹⁵” com o “Círculo Cromático de Goethe



Fontes: Google Arts and Culture (esquerda) e Acervo Pessoal (direita).

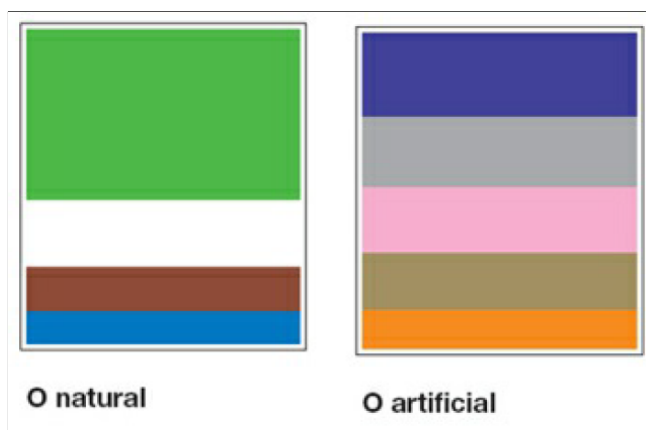
Para cada uma das obras, foram previamente selecionados sentimentos que guiarão a seleção de elementos e suas cores principais. Tal seleção toma inspiração em algumas cores psicológicas¹⁶ e acordes cromáticos apresentados na obra de Heller (2013). Em sua pesquisa, a autora define o que são e quais são as chamadas “cores psicológicas”, conceito essencial para a elaboração das obras propostas. Para Heller, as cores estão associadas a conceitos e sentimentos e juntos formam um acorde cromático, o qual é “[...] composto por cada uma das cores que esteja mais frequentemente associada a um determinado efeito. Os resultados da

¹⁵ Disponível em Arts and Culture (Google): www.artsandculture.google.com/asset/saudade-almeida-j%C3%BAnior/7gHV1kRVlzKC2w

¹⁶ “A cor é mais do que um fenômeno ótico, mais do que um instrumento técnico. Os teóricos das cores diferenciam as cores primárias (vermelho, amarelo, azul) das cores secundárias (verde, laranja, violeta) e das cores mistas, subordinadas (como rosa, cinza, marrom); não há unanimidade a respeito de o preto e o branco serem cores verdadeiras; em geral, ignoram o ouro e o prata como cores – apesar de, na psicologia, cada uma dessas 13 cores ser autônoma, não podendo ser substituída por nenhuma outra. E todas são igualmente importantes.” (HELLER, 2013, p. 18).

pesquisa [de Eva Heller] demonstram: as mesmas cores estão sempre associadas a sentimentos e efeitos similares.”

Imagem 14: Exemplo de Acordes Cromáticos com efeitos opostos



Fonte: A Psicologia das Cores/Reprodução

Para melhor organização e visualização, as obras do caderno foram impressas em papel canson 200g e previamente tabuladas. Além do número, cor em destaque e títulos das obras, as tabelas incluem informações adicionais, como os de apoio utilizados para a contextualização. As imagens em sequência, ou seja, o próprio produto, encontram-se no anexo disponível ao final do trabalho.

Tabela 6 - Informações da obra “Nostalgia”

Nº da obra	Cor	Título
1	Azul	Nostalgia
Texto de apoio: é tentar acessar boas lembranças como quem tenta alcançar os céus com as próprias mãos.		

Tabela 7 - Informações da obra “Contradição”

Nº da obra	Cor	Título
2	Amarelo	Contradição

Texto de apoio: é querer estar em um lugar, mesmo estando em outro; é fazer sol lá fora, enquanto só chove aqui dentro.

Tabela 8 - Informações da obra "Tédio"

Nº da obra	Cor	Título
3	Vermelho	Tédio
Texto de apoio: é não ter nenhuma distração, além de mim mesma; é reler minhas próprias aventuras entediadas mais uma vez.		

Tabela 9 - Informações da obra "Solidão"

Nº da obra	Cor	Título
4	Preto, branco e Cinza	Solidão
Texto de apoio: é contar somente com a minha própria presença: sozinha, definitivamente sozinha.		

Tabela 10 - Informações da obra "Inocência"

Nº da obra	Cor	Título
5	Rosa e azul	Inocência
Texto de apoio: é estar vulnerável a tudo o que sinto, de dentro pra fora e de fora pra dentro.		

Tabela 11 - Informações da obra "Fantasia"

Nº da obra	Cor	Título
7	Roxo e laranja	Fantasia
Texto de apoio: é estar com a criatividade fértil para realizar aquilo que imagino não ser possível.		

Em seguida, após a organização dos sentimentos, cores e respectivos textos de apoio, foram pré-selecionados e recortados dezenas de elementos presentes nas

revistas¹⁷ (A-Z): Bravo, Cláudia, Casa Cor, Estilo, Jorge Bischoff, Marie Claire, Traços, The Traveller, Turbilho, Vogue, entre outras. É válido ressaltar que nenhum elemento foi retirado de bancos de imagem ou qualquer outro endereço eletrônico da *internet*, apenas os textos de apoio foram impressos separadamente, com o intuito de assegurar que o produto desenvolvido estivesse o mais distante possível da técnica digital e o mais próximo possível da técnica analógica, sendo essa uma grande tendência¹⁸ do isolamento social.

¹⁷ “Matéria-prima fundamental, a imagem impressa, nos diferentes veículos em circulação, formaria um grande conjunto de formas prontas – material abundante e, muitas vezes descartável – sujeitas à apropriação. Por extensão, o contínuo aprimoramento das técnicas de produzir imagem não só aumentaria a variedade e quantidade do material impresso disponível, como iria, por outro lado, conferir aos artistas novas ferramentas de trabalho (IWASSO, 2010, p. 41).

¹⁸A equipe de Marketing brasileira da plataforma Twitter divulgou o relatório “A conversa: Twitter Trends” contendo informações únicas sobre as tendências da plataforma em meio a pandemia” (DATA). Entre tais tendências, a “Cultura Criativa” destaca-se ao citar outros 6 tópicos sobre o tema, incluindo o “Feito à mão”. De acordo com o relatório e “ Como uma reação contrária à produção em massa, as pessoas passaram a valorizar processos mais lentos e delicados, abrindo cada vez mais espaço para o trabalho manual e artesanal” (TWITTER, 2021).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto o trabalho quanto o produto surgem de um processo pessoal e reúne 3 vertentes extremamente subjetivas quando estudas a partir da perspectiva acadêmica (cor, colagem e sentimento), o que também possibilitou uma enorme liberdade criativa para realizar as colagens. Mesmo com significados advindos de contextos históricos e aspectos culturais, a percepção das cores ainda depende muito de quem as utiliza e também de quem as observa, fato que relativiza a veracidade da hipótese iii, citada ao longo da introdução.

De início, o trabalho buscava priorizar colagens analógicas em contraste às colagens digitais. Felizmente, reconheci ao longo do processo que ambas as técnicas são válidas de utilização, uma vez que entendi que o importante é me entregar ao processo criativo e não me limitar artisticamente. Ambas as técnicas, analógica e digital, estão à minha disposição para experimentar a arte e seria um desperdício abdicar de uma técnica para exaltar uma outra.

Ao agrupar as respostas das entrevistas realizadas, percebe-se que a colagem trata-se de não só uma técnica artística ou um produto artístico, mas também de uma etapa do processo criativo. O resultado e a utilidade de uma obra depende, da intenção do artista: Se a finalidade trata-se de uma publicação, seja impressa ou digital, existe um controle por parte de quem cria. Na arte, o controle já não existe de forma tão evidente ou relevante. Tal linha de chegada afirma a primeira hipótese citada durante a introdução.

Algumas obras foram canceladas da versão final do produto, mas poderiam estar presentes, uma vez que a construção do caderno de colagem parte do princípio da experimentação. Em projetos futuros, pretendo retratar também as ideias e processos que foram descartados, com o objetivo de apreciar o desenvolvimento e exaltar o progresso da produção. Por fim, além da finalização das obras acontecer inteiramente a partir de um processo analógico, o acabamento do caderno também precisou ser realizado manualmente. Mesmo optando por utilizar tais processos, a realização dos textos de apoio foi realizada por meio de softwares de edição (Adobe Photoshop).

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, M. WILEY, M. Wiley. "*Phyllobates terribilis*" (On-line), Animal Diversity Web. 2011. Disponível em: www.animaldiversity.org/accounts/Phyllobates_terribilis/. Acesso em: 10 de fevereiro de 2022

BARROS, Lilian Ried Miller. *A cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

BBC. Colagens de Matisse ganham exposição na Tate Modern de Londres (On-line). 2013. D

BOCCARA, Ernesto Giovanni; CARVALHO, Agda Regina de. *Ballet Triádico da Bauhaus: pesquisa, experimentações e execução. Reflexões e registros do percurso de uma reconstituição*. SENAC SP: 2009. Disponível em: www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/index.php/ballet-triadico-da-bauhaus-pesquisa-experimentacoes-e-execucao-reflexoes-e-registros-percurso-de-uma-reconstituicao/#iara_v2_n1_11_4.2. Acesso em: 7 de março de 2022.

COLAGEM. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: www.encyclopedia.itaucultural.org.br/termo369/colagem. Acesso em: 1 de março de 2022.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa* (6ª edição). São Paulo : Atlas, 2017.

HELLER, Eva. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. São Paulo: Editora Gustavo Gilli, 2013.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. *Bauhaus. História das Artes*, 2022. Disponível em: www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/bauhaus/. Acesso em 01 de março de 2022.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE. *Tomie Ohtake - Influxo das Formas*. 2013. Disponível em: www.institutotomieohtake.org.br/exposicoes/interna/tomie-ohtake-influxo-das-formas . Acesso em 20 de março de 2022.

IWASSO, Vitor Rezkallah. Copy/paste: algumas considerações sobre a colagem na produção artística contemporânea. 2010. Disponível em:

www.scielo.br/j/ars/a/5HJJfjWbWwmHwTwRHHV8BbB/?format=html&lang=pt#.

Acesso em 30 de março de 2022.

MARTINS, Luiz Renato. *Colagem: investigações em torno de uma técnica moderna*.

São Paulo: ARS, 2007. Disponível em:

www.scielo.br/j/ars/a/R6YwbQLykWC49CfXCKwgTH/?lang=pt&format=pdf. Acesso

em: 1 de março de 2022.

MICHAELS. Saudade. Editora Melhoramentos, sem data. Disponível em:

www.michaelis.uol.com.br/busca?id=7mGOR. Acesso em: 9 de março de 2022.

MIRANDA, Letícia. Festival Desenho Vivo, 2021. Org. Gregório Soares.

PANTONE. About Pantone. Disponível em: www.pantone.com/about-pantone.

Acesso em: 3 de março de 2022.

TATE. Henri Matisse: The Cut-Outs. Disponível em:

www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/henri-matisse-cut-outs. Acesso em:

25 de março de 2022.



por Maria Joana Correia

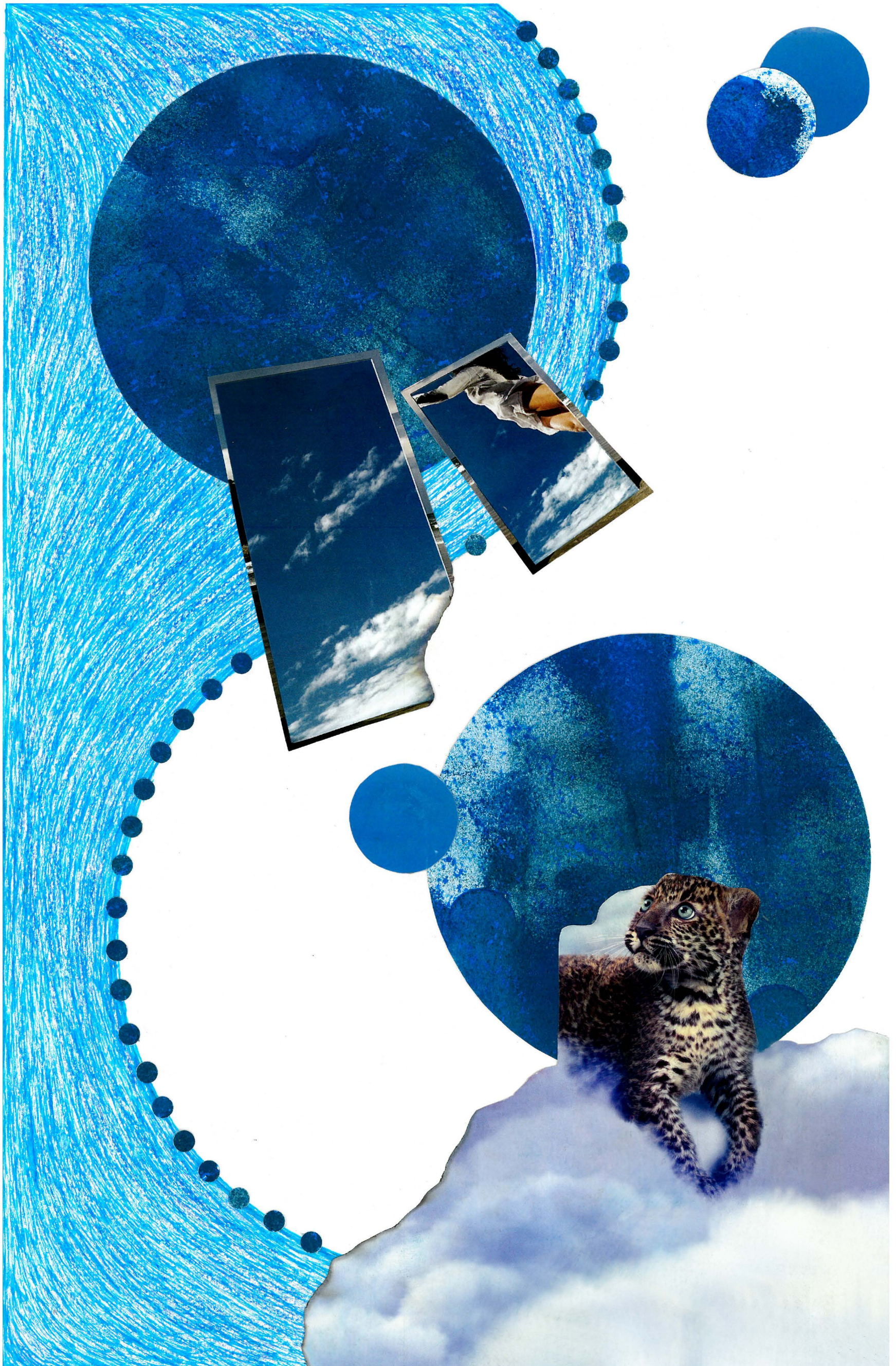
SAUDADE E OUTROS SENTIMENTOS MALIGNOS

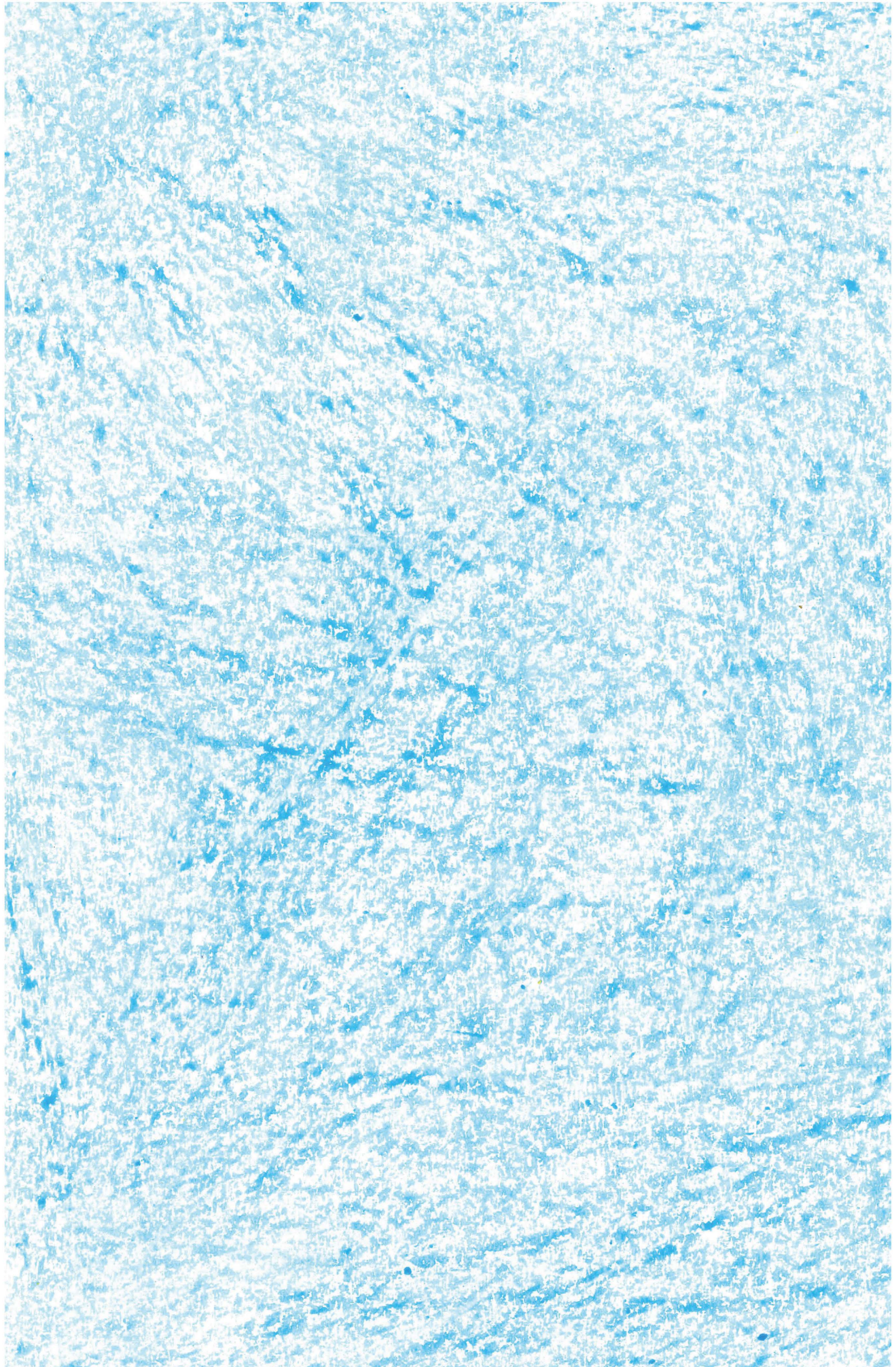
um abraço ao que sentimos enquanto indivíduos isolados;
uma tentativa artística e poética de traduzir sensações.



NOSTALGIA

é tentar acessar e reviver boas lembranças como quem tenta alcançar os céus com as próprias mãos.







CONTRADIÇÃO

é querer estar em um lugar, mesmo estando em outro; é fazer sol lá fora, enquanto só chove aqui dentro.



Tudo mudou, eu mudei"

Mesmo assim, morro de saudades"





TÉDIO

é não ter nenhuma distração, além de mim mesma; é reler minhas próprias aventuras entediadas mais uma vez.

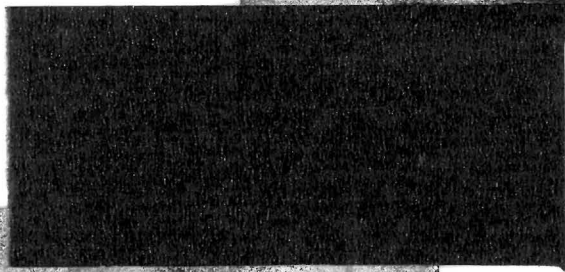
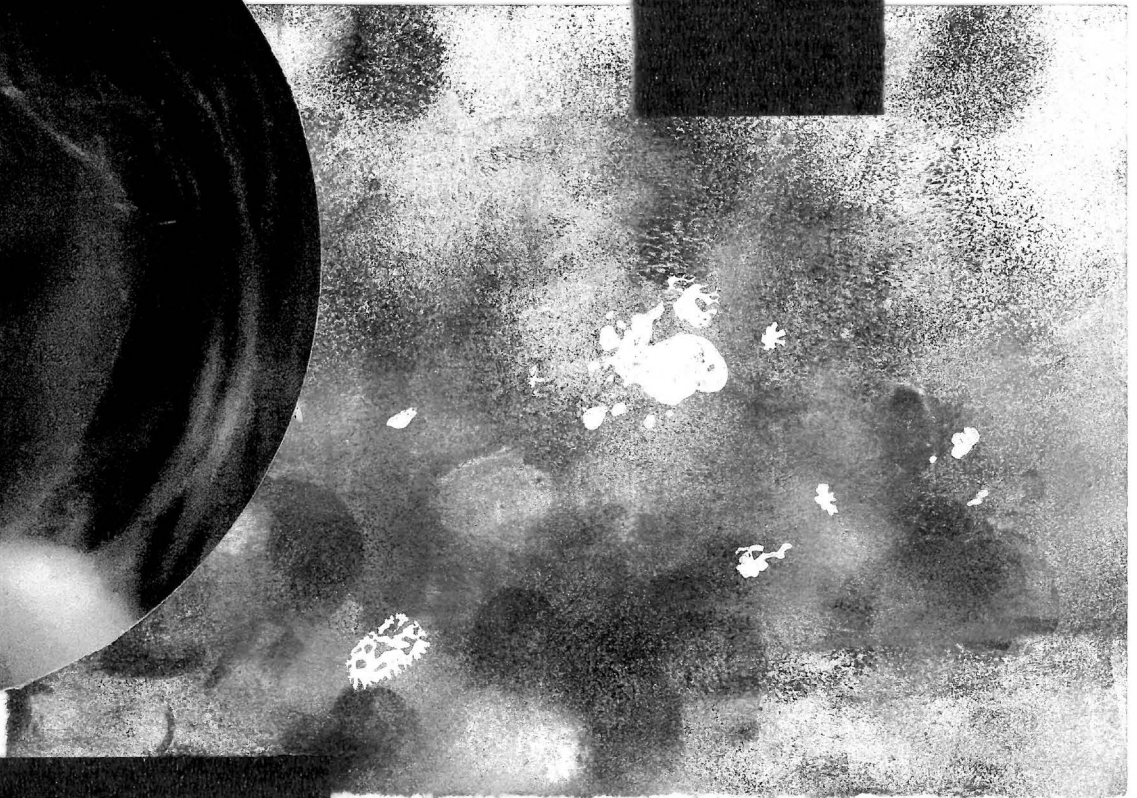


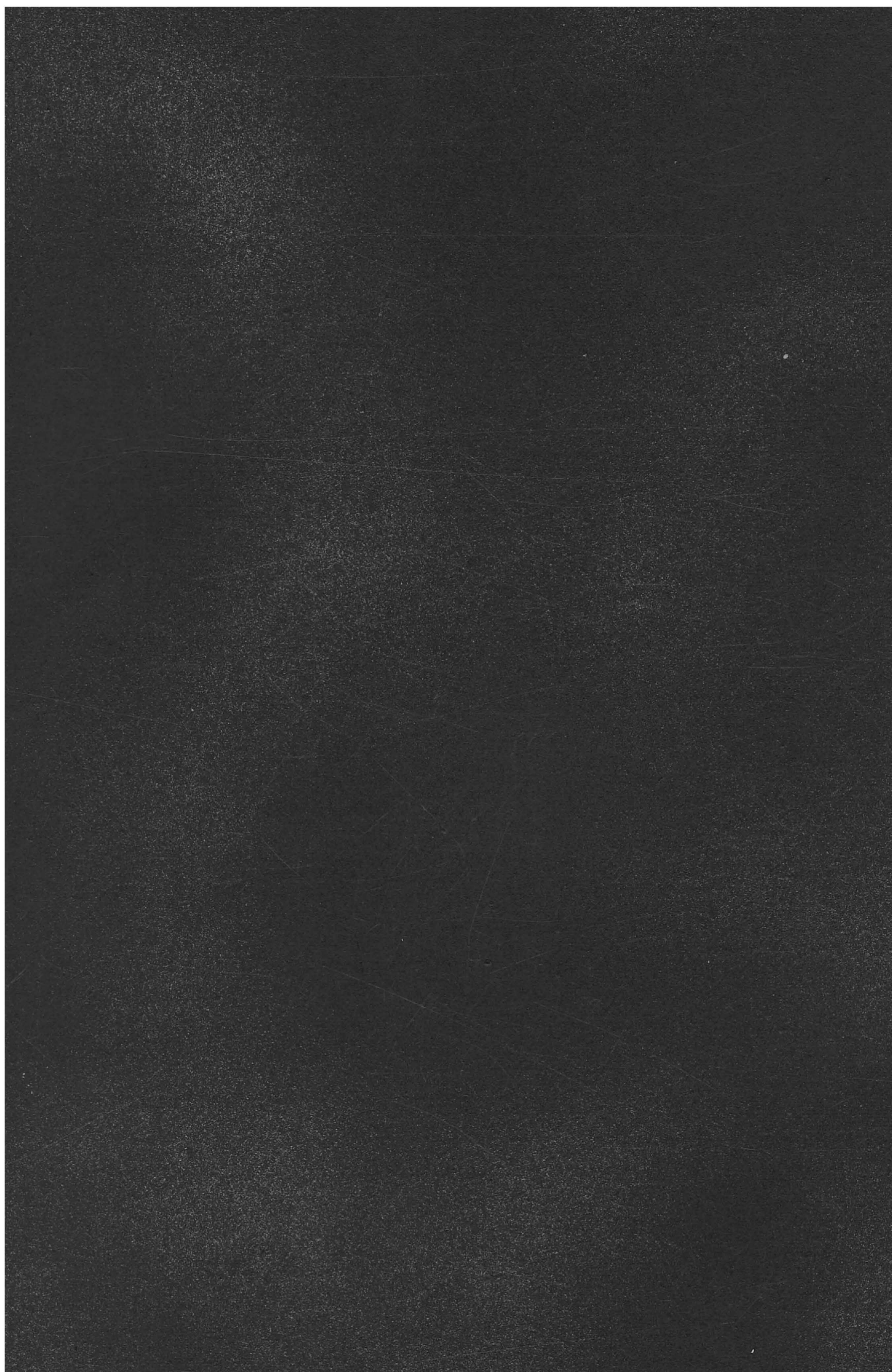


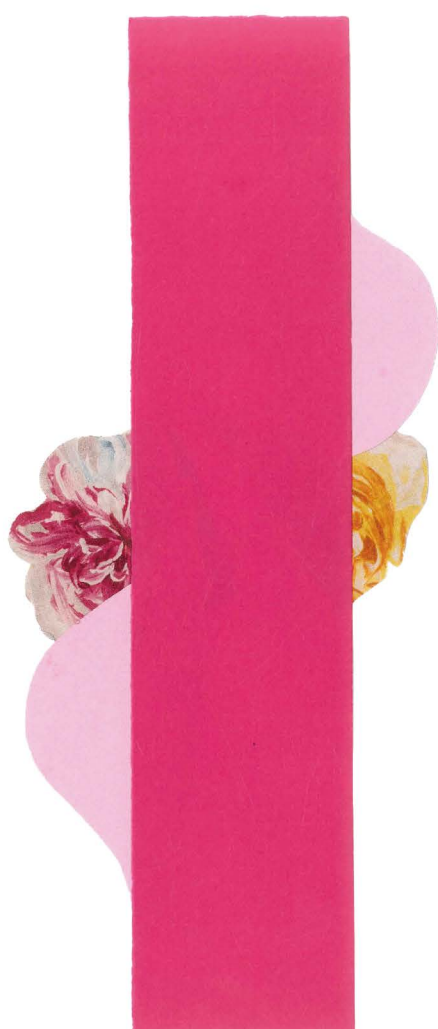


SOLIDÃO

é contar somente com a minha própria presença;
estou sozinha, definitivamente sozinha.

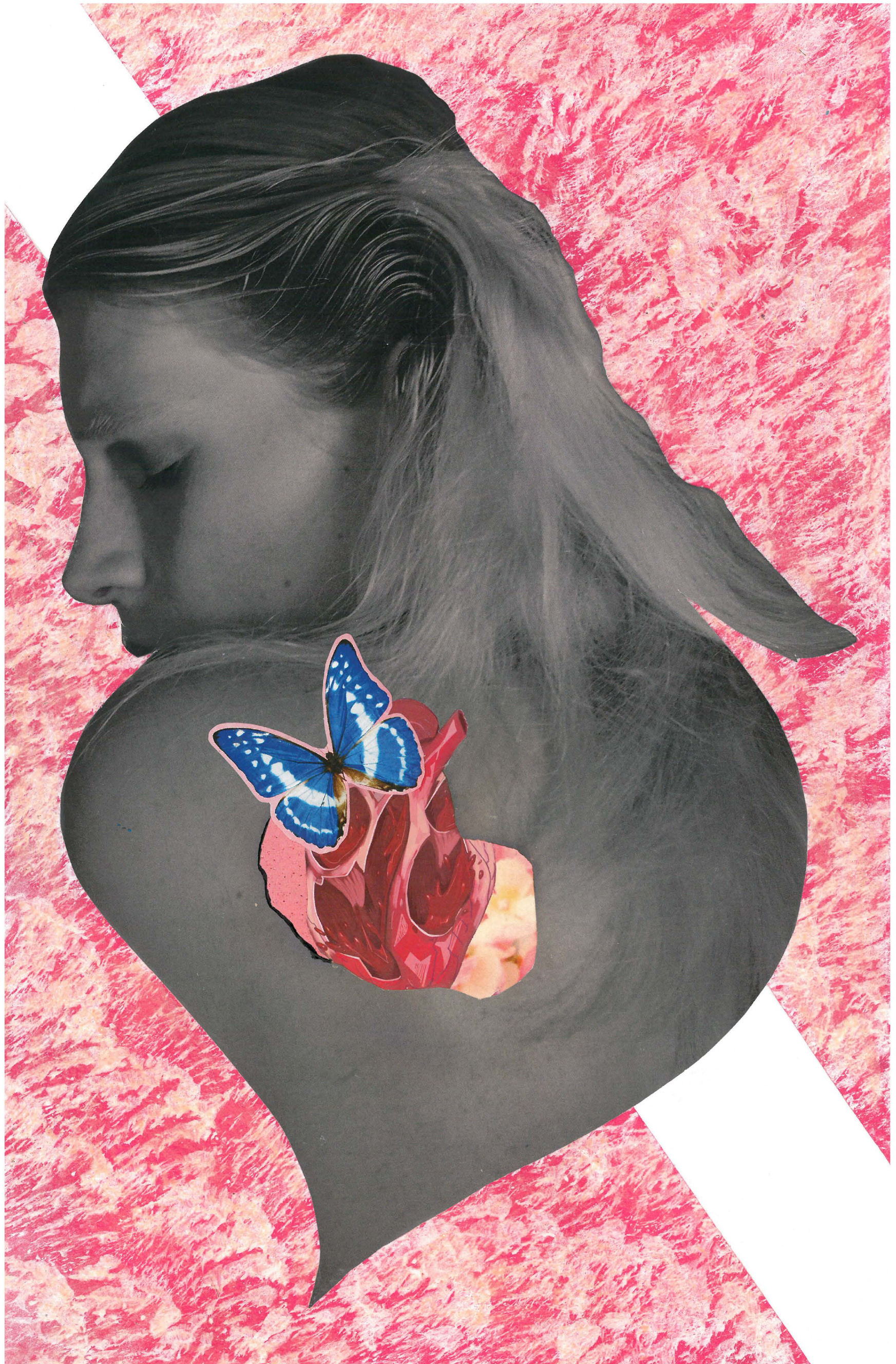


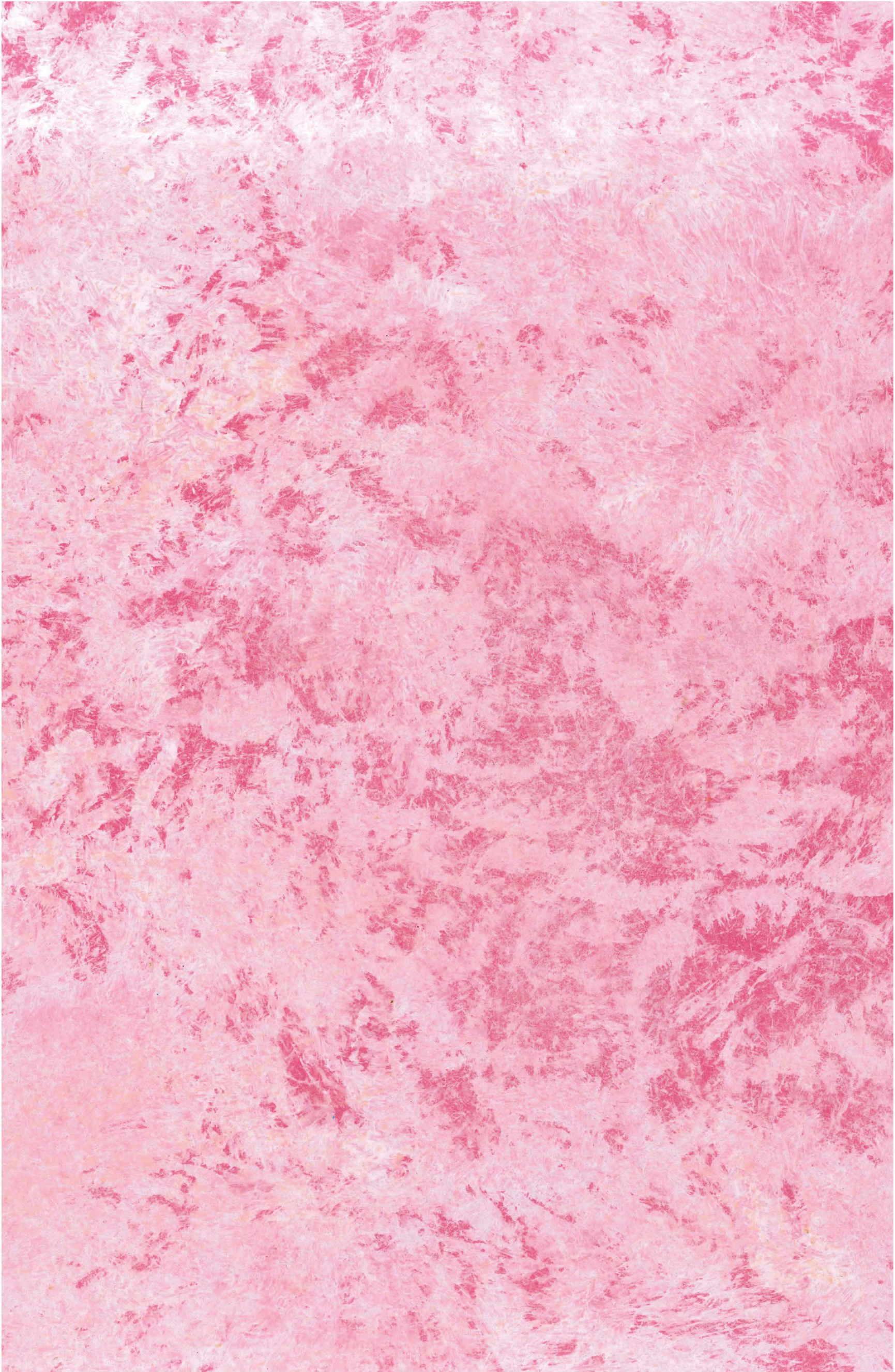


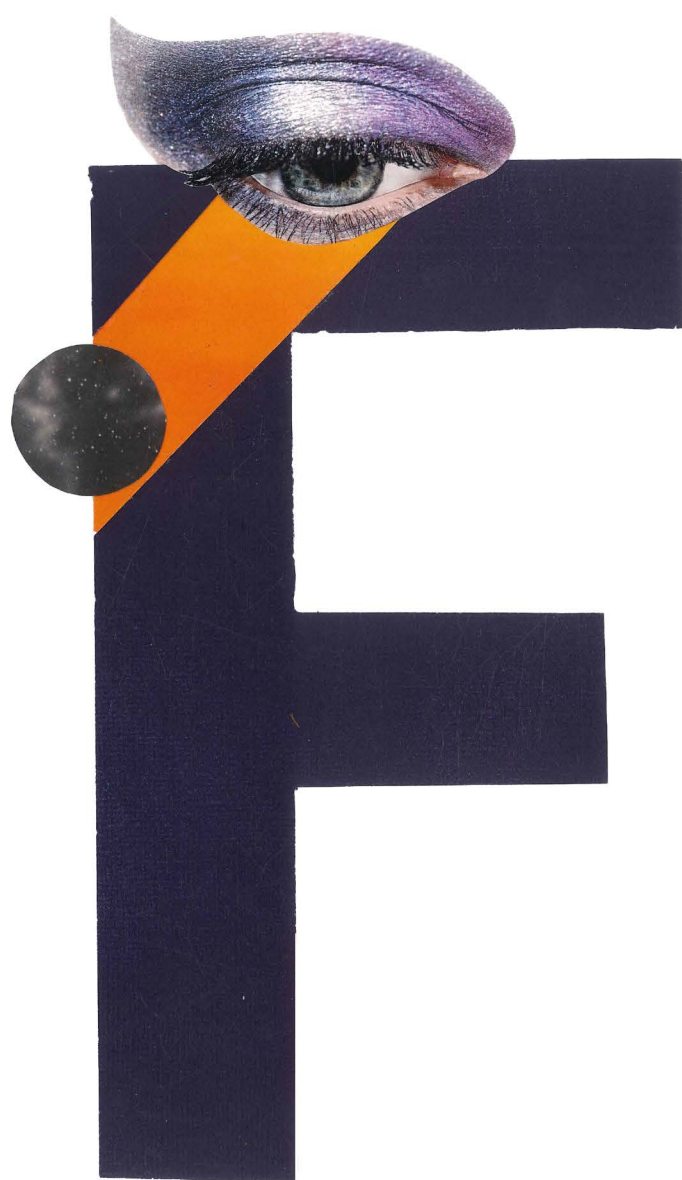


INOCÊNCIA

é perceber-me vulnerável a tudo o que sinto,
de dentro pra fora e de fora pra dentro.







FANTASIA

é estar com a criatividade fértil e preparada para realizar aquilo que imagino não ser possível.



